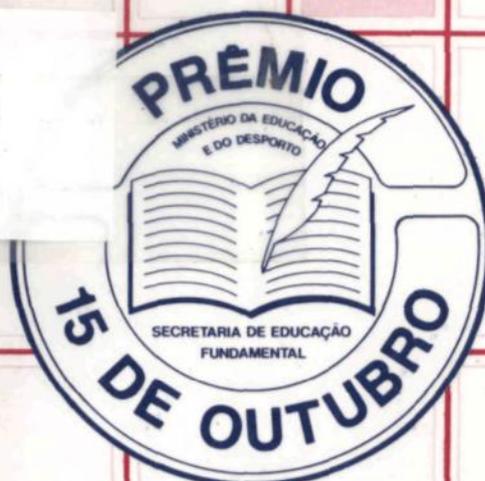


CIBEC/INEP



B0023838



V CONCURSO - 1992

Propostas de trabalho premiadas

INTERDISCIPLINARIDADE

**Um desafio à
qualidade de ensino
de 1.º grau**

MEC

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO

Secretaria de Educação Fundamental

Departamento de Políticas Educacionais

Coordenação-Geral do Magistério

.314.4

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidente da República Federativa do Brasil
Itamar Augusto Cautiero Franco

Ministro da Educação e do Desporto
Murílio de Avellar Hingel

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Secretaria de Educação Fundamental
Departamento de Políticas Educacionais
Coordenação do Magistério

INTERDISCIPLINARIDADE UM DESAFIO À QUALIDADE DO ENSINO

PROPOSTAS DE TRABALHO

PREMIADAS

V CONCURSO

1992



Brasília, outubro de 1994

Secretário Executivo

Antonio José Barbosa

Secretária de Educação Fundamental

Maria Aglaê de Medeiros Machado

Diretor do Departamento de Políticas Educacionais

Célio da Cunha

Coordenadora Geral do Magistério

Marília Miranda Lindinger

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

"PROJETO DE BLOCOS - O RENOVAR DE UM FAZER PARA UM NOVO SABER", de *Rita de Carvalho Nery e Maria da Conceição Rebêlo*, da Escola de Aplicação da UFPa, Belém - PA.....). 9

"INTERDISCIPLINARIDADE" UM DESAFIO À QUALIDADE DE ENSINO DE 1º GRAU, de *Maura Costa Bezerra e Marta Lúcia de Souza Celino*, da Escola Estadual Professor Paulo Nobre, Natal - RN 63

"NOSSA HISTÓRIA: O PROCESSO DE MUDANÇA", de *Marilza Alves Pequenino, Maria da Conceição Pereira, Ediauva Oliveira dos Santos, Maria Verônica da Silva, Edlamar Oliveira dos Santos e Zilene Duarte Lucena*, da Escola de Formação de Professores de Boa Vista, Boa Vista - RR 91

APRESENTAÇÃO

No marco da política nacional de valorização do magistério, que visa recuperar o papel social e pedagógico do professor, notadamente do ensino fundamental, o Ministério da Educação e do Desporto, por intermédio da Secretaria de Educação Fundamental, promoveu, em 1992, o V Concurso Prêmio 15 de outubro, regulamentado pela Portaria Ministerial nº 1557 de 18 de outubro de 1992, sobre o tema "Interdisciplinaridade, um desafio à qualidade do ensino."

Com vistas a estimular propostas de trabalho inovadoras que contribuam para a elevação da qualidade do ensino fundamental, o V Concurso atribuiu os seguintes prêmios:

O primeiro lugar coube ao "Projeto de Desenvolvimento do Currículo por Blocos de Disciplinas", apresentado como uma proposta alternativa de reorganização do trabalho educativo para as séries finais do ensino fundamental. Como meta estabelece a melhoria da qualidade de ensino, através da integração harmoniosa às séries iniciais do ensino fundamental, por meio de uma ação pedagógica que privilegie a interdisciplinaridade. Parte do pressuposto de que as reformas legais por si só não transformam a educação, sendo imprescindível a mudança de postura dos educadores. Este projeto foi desenvolvido por professores em exercício, no município de Belém/Pará.

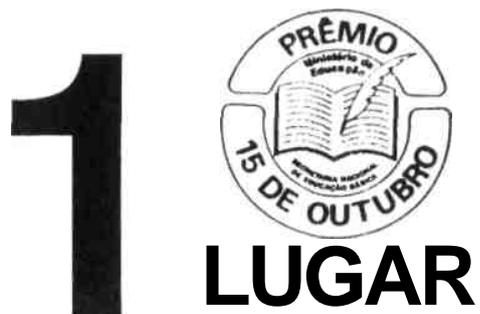
O segundo colocado foi o trabalho sobre "Interdisciplinaridade". Nele, as outras duas professoras de Natal/RN apresentam como objetivo a mediação, a transmissão e assimilação ativa dos conteúdos, a utilização da interdisciplinaridade como uma alternativa viável para a apreensão global dos mesmos, através do método dialético - experimental, envolvendo temas geradores para que ocorra a articulação entre as diversas áreas do conhecimento.

O terceiro lugar foi atribuído à proposta "Nossa história: o processo de mudança", na qual a Escola de Formação de Professores de Boa Vista/RR, propõe um trabalho no sentido de rever sua base teórica, repensar sua prática e mudar suas estratégias pedagógicas, objetivando a melhoria da qualidade do ensino.

Neste sentido, iniciou-se um processo de integração entre os professores do Curso de Formação para o Magistério e os que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental.

A presente publicação representa o resultado dos esforços despendidos pelos responsáveis pela implementação do referido Concurso, merecendo destaque o papel desempenhado pelas Delegacias deste Ministério e Secretarias de Educação dos Estados e do Distrito Federal, e sobretudo, pelos estabelecimentos de ensino e professores do ensino fundamental, regentes de classe, que participaram com criatividade desta iniciativa.

MARIA AGLAÊ DE MEDEIROS MACHADO



PROJETO DE BLOCOS

***O renovar de um fazer para um novo
saber***

RITA DE CARVALHO NERY

MARIA DA CONCEIÇÃO REBELO

(Integração)

**Belém - Pará
1992**

SUMÁRIO

I - PARTE:

UMA CONSTATAÇÃO

II - PARTE:

UM PROPÓSITO: FAZER ACONTECER

III - PARTE:

OS RESULTADOS ALCANÇADOS

IV- PARTE:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

V REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VI - ANEXOS

I - PARTE

UMA CONSTATAÇÃO A

Escola - Sua realidade

Através da Lei 5692/71 os antigos Primário e Ginásio são transformados no Ensino de 1º Grau com duração de oito anos, obrigatório e aberto a todas as crianças a partir de 07 anos. Reformulam-se os currículos, oferecem-se, em princípio, condições de formação segundo a capacidade de cada um; cresce vertiginosamente o número de matrículas!

Nessa perspectiva de uma propalada evolução (compatível com um ideário liberal) mantêm-se intocáveis, quase por inércia, alguns valores "básicos": a pontualidade, a ordem, o estigma de educação bancária, a obediência, enfim, as condições da disciplina regada, do exterior do processo de aprendizagem e de seus principais participantes.

Entretanto, mesmo sob este invólucro de benefícios, intenções, sentimentos e atitudes positivos, há entre pais, alunos e professores um mal-estar que inquieta e questiona diante da realidade vivenciada.

Duas décadas da aplicação da reforma de ensino já decorreram e a escola ainda não conseguiu superar os vestígios do antigo ginásio: muitas disciplinas, muitos professores, aulas acadêmicas em horários diminutos, alunos frustrados, avaliação classificatória, muitas reprovações. Percebe-se que a justaposição dos antigos sistemas ocasionou não o surgimento da escola integrada de 08 anos,

mas apenas uma escola legal de 1º grau que não passou de uma simples descaracterização dos antigos sistemas. O enfoque maior desse fato é registrado nas estatísticas sobre repetência na 5ª série, muitas vezes iguais ou superiores às da 1ª série.

Entre os pais há um desagrado geral ao perceberem a distância entre o que seus filhos são obrigados a aprender na escola e sua realidade. Para os pais trabalhadores, porém, a preocupação é muito maior por saberem ser a escolaridade um elemento necessário "em vista de sua prática cotidiana da discriminação social, que usa freqüentemente o diploma para limitar o acesso aos cargos de maior poder", (Cunha, 1978).

Os alunos, por sua vez, manifestam incerteza e ansiedade, devem ser dóceis, disciplinados, conformar-se com o modelo prefixado onde atuam como meros receptores de conhecimentos não-significativos, descontextualizados; critérios esses pelos quais são avaliados. As qualidades de espírito crítico e reflexão são deixadas no discurso sem inspirar uma prática efetiva, quando não são apagadas e subjugadas pela repressão do próprio professor.

Finalmente, os professores também preocupados com o baixo rendimento dos alunos, que se acentua a cada ano, buscam as causas, acusando os programas, os alunos e os próprios colegas de profissão. Não percebem que por sua formação e exigência do contexto em que a escola está inserida, não deixam de transmitir no dia-a-dia alguns valores através de certas práticas pedagógicas: a aprendizagem do sentimento de inferioridade, da submissão, do "cada um por si", da competição, do respeito do status quo, da ordem estabelecida por outros, do medo, do conflito. É perceptível como o comportamento pedagógico que reflete esses valores acaba por apagar a imaginação, a criatividade, dividir e isolar os alunos, inculcando-lhes indiferença ou dependência.

Apesar disso, o sonho e o desejo de transformação existem, demonstrados pelas falas freqüentes e atitudes isoladas ou não de educadores mais críticos. As linhas divisórias entre as disciplinas tendem a mesclar-se à medida que o conhecimento se multiplica e diversifica. E assim, a escola começa a mudar e esta mudança não é senão o resultado provisório de um movimento contínuo de mudanças que podem ter suas raízes em pequenas coisas, em pequenos ges-

tos, em tentativas diversas, que se defrontam muitas vezes com dificuldades, mas sempre deixam sua marca.

Estamos convictos de que a mudança da escola supõe um esforço muito mais amplo de revisão geral das estruturas de poder. Entretanto, é importante que a realidade social é transformável; se feita pelos homens, pelos homens pode ser mudada; que não é algo intocável, um fado, uma sina, diante da qual só há um caminho: o da acomodação. "É importante que a percepção ingênua da realidade vá cedendo seu lugar a uma percepção capaz de perceber-se; que o fatalismo vá sendo substituído por uma crítica esperança que pode mover os indivíduos a uma cada vez mais concreta ação em favor da mudança da sociedade". (Franchi, 1985).

Foram essas reflexões que levaram o Núcleo Pedagógico Integrado - N.P.I, como Escola de Aplicação da UFPa, a dar uma resposta à análise de sua realidade cotidiana, no sentido de não só constatar, mas sobretudo fazer: mudando, documentando e avaliando o dia-a-dia de um trabalho direto com os professores e alunos em busca de uma nova qualidade de ensino, de uma nova escola.

O Ponto de Partida

A consciência da crise que tem afetado a educação brasileira e do papel que a escola e cada educador podem desempenhar no sentido de superar este grande desafio, levou um grupo de professores à busca de alternativas na tentativa de mudar essa realidade. Assim, em 1985, no II Encontro de Educadores do N.P.I, foi proposto pelos Serviços Técnicos através de sua coordenadora, o Projeto "Desenvolvimento de Currículo por Blocos de Disciplinas" ou "Projeto de Blocos" como uma proposta alternativa de reorganização do trabalho educativo para as séries finais do ensino de 1º grau. Como metas estabelecia a melhoria da qualidade de ensino e a continuidade do processo de maneira harmoniosa e integrada com as séries iniciais do 1º Grau através de uma ação pedagógica pela via da interdisciplinaridade. Partia do pressuposto de que as reformas legais por si só não transformam a educação e o ensino. O que importa realmente é a mudança de postura dos educadores, buscando formar uma nova mentalidade.

II - PARTE

UM PROPÓSITO: FAZER ACONTECER

Com a aprovação do Projeto pela comunidade escolar em 1985, foram tomadas as providências necessárias para sua implantação no ano letivo seguinte.

O primeiro passo foi o cadastramento dos professores que se dispunham a enfrentar como grupo este grande desafio. A busca foi difícil não só pela resistência a mudanças, mas pela insegurança que a nova proposta lhes inspirava. Por isso, o número de adesões dos docentes foi o suficiente apenas para trabalhar com três turmas.

As primeiras reuniões de estudo foram realizadas, traçando-se as diretrizes gerais para o funcionamento do Projeto. Iniciou-se a preparação dos recursos humanos e a seleção de turmas num total de três, de maneira randômica.

A efetivação dessas providências iniciais exigia um esforço da equipe em vista das ações nada estimuladoras do grupo contrário ao projeto que propagava notícias de que os alunos que dele participassem seriam "cobaias" para uma experiência que poderia não dar certo. Essas informações estabeleceram um clima de instabilidade entre as famílias que poderia provocar a recusa dos pais ao projeto se fossem consultados a priori. Prevendo isto, optou-se por selecionar as turmas, levando os alunos a vivenciarem a experiência por uma semana e depois, numa ampla discussão, com a participação dos alunos, pais e professores, decidir-se-ia em conjunto a continuidade ou não dos alunos nas turmas. O resultado foi satisfatório,

pois apenas um pai não concordou com a permanência do filho na classe apesar do interesse da criança em permanecer na mesma.

Assim, fortificado o grupo constituído de um (1) coordenador/supervisor, um (1) orientador educacional, onze (11) professores, noventa (90) alunos e cerca de oitenta (80) pais, continuou a caminhada em busca de mecanismos que alicerçassem as ações do novo fazer pretendido. Um estudo reflexivo sobre aspectos fundamentais inerentes ao processo educativo deu seqüência às ações programadas, evidenciando sempre o caráter da interdisciplinaridade pela sua importância na apreensão do conhecimento como um todo, de forma a favorecer uma revisão profunda e possível condução a uma nova postura desses educadores. Esses aspectos referem-se basicamente:

- a) às relações interpessoais na escola de forma a superar a individualização nas relações educador x educando, educador x educador, educando x educando;
- b) à concepção do conhecimento não como algo estático, pronto, acabado, mas sim, como algo dinâmico que pode ser recriado, reinventado;
- c) à dimensão dos conteúdos na aprendizagem escolar, considerando sua relação entre o conhecimento popular de senso comum e o acumulado pela comunidade bem como sua natureza interdisciplinar;
- d) à concepção de currículo como instrumento de apoio à organização e ação transformadora da escola;
- e) ao papel da escola como centro de produção, recriação e irradiação de culturas.

Dessa forma, com tal diretriz e tais concepções, caminhamos na certeza de estar investindo fundo na reversão do quadro atual do ensino público.

A) A PROPOSTA PEDAGÓGICA

1 - Concepções e Princípios Norteadores

O ponto fundamental da proposta pedagógica do Projeto de Bloco é a renovação da prática educativa na escola. Esta renovação, porém não se resume na revisão de currículos simplesmente, nem na busca de metodologias alternativas enquanto modernização de técnicas de ensino e sim, numa ação pedagógica construída sobre formas diferentes de pensar e de agir dos educadores e educandos, estruturada nas seguintes concepções:

- À escola cabe pensar sua realidade e se organizar para melhor atender ao aluno, cumprindo sua função educativa;

O conhecimento em construção, que implica um entendimento de educando e educador sujeitos do processo educativo, leva à compreensão de como devem ser as relações entre esse sujeito educador e esse sujeito educando: relações de respeito ao conhecimento de cada um, sem que perca a riqueza das diferenças.

Tem como princípios norteadores:

- a) a interdisciplinaridade caracterizada pela "Integração dos diversos campos e formas de conhecimento através do desenvolvimento de relações que entre eles se estabelecem de forma que a estrutura resultante contribua para a unificação e coerência do programa escolar como um todo" (Méndez, 1985);
- b) a construção do conhecimento e não a simples transmissão de conteúdos;
- c) a valorização do processo e não só do produto. É no processo de elaboração mental do aluno que acontecem as descobertas, as comparações, as trocas. Neste caminhar é possível o surgimento de dificuldades (barreiras ao conhecimento) e que ao enfrentá-las e transpô-las, um novo saber estará sendo construído.

Se no sistema convencional o esforço está em transferir conteúdos, no Projeto de Blocos o esforço concentra-se na identificação de áreas de interesse e motivação ligadas à etapa correspondente - temas de interesse - e não artificialmente criadas pelo esquema tradicional de disciplinas.

2 -Viabilização da Proposta - esquema de organização

Pelo sistema tradicional, a partir da 5ª Série o currículo constituído de nove disciplinas desenvolve-se regularmente através de 05 horas-aula diárias e 25 semanais. O conhecimento é trabalhado fragmentadamente de acordo com a carga horária de cada área que varia de 01 a 05 aulas por semana. É comum os alunos terem 05 aulas de diferentes matérias num só dia e intervalos de até 07 dias entre uma aula e outra em disciplinas com apenas 01 aula semanal, como: E.M.C/OSPB, Educação Artística, Artes Práticas, Programa de Saúde e E. Religiosa.

O acúmulo de conteúdos propostos, a diminuta carga horária para cada área e as dificuldades enfrentadas pelos alunos da 5ª Série, sobretudo, em decorrência do impacto que sofrem ao depararem com este regime diferente do anterior (1º grau menor) constituem barreiras para um ensino de qualidade.

A mudança pretendida pelo Projeto de Blocos exige um esquema de organização que permite um espaço de tempo maior para o trabalho educativo sem as compartimentações tradicionais nem alteração do número e carga horária dos professores. Sem poder modificar em suas bases a estrutura existente a opção foi a reorganização dessa estrutura, transformando os 90 dias de cada semestre em 3 períodos ou etapas de 30 dias. Nestes, são desenvolvidos os conhecimentos com base nas disciplinas constituídas em blocos, inter-relacionados em seus conteúdos e ações. Esses blocos de disciplinas assim são constituídos:

Bloco I - Comunicação e Expressão: Língua Portuguesa,
Língua Estrangeira, Educação Artística,
Educação Física e Artes Práticas.

Bloco II - Estudos Sociais: História, Geografia, E.M.C/O.S.P.B e Educação Religiosa.

Bloco III - Ciências e Matemática.

Esta organização permite ao grupo de professores de cada bloco trabalhar de maneira integrada com suas turmas (no mínimo de duas) sem perder de vista a unificação e coerência da programação deste e dos outros blocos como um todo.

Por sua vez, os alunos, em vez do desfile de professores x disciplina, a cada hora, têm a garantia de uma convivência maior (30 dias letivos seguidos) com os mesmos professores de um mesmo bloco e ao mesmo tempo com todas as áreas através dos "temas de interesse e situações significativas" (Ver Grade Curricular - anexo I), proporcionando-lhes ainda um clima de trabalho conjunto, uma visão de totalidade e de cooperação, na medida em que os conhecimentos vão sendo coletivamente constituídos.

Esta ação/reflexão/ação resulta, em grande parte, da reorganização efetivada na grade curricular, proporcionando aos educadores e educandos condições favoráveis para:

- conhecerem-se melhor;
detectarem e trabalharem dificuldades surgidas;
- aprofundarem conteúdos conforme desenvolvimento, interesses e necessidades dos alunos;
- diversificarem metodologias de trabalho;
- prepararem-se melhor para o desempenho docente e discente, estudando, discutindo e avaliando coletivamente.

3 - O Programa

A construção do programa é uma conseqüência de todo o caminhar da ação pedagógica definida pelos educadores e educandos. Não é algo que se tenha concluído em vista da sua característica como processo lento e demorado, de natureza dinâmica tal como a realidade e a aprendizagem.

Parte da concepção clara do que é ensinar, valendo-se do princípio de que a transmissão do conhecimento - objetivo fundamental de uma escola - é muito mais do que o repassar de informações para uma platéia passiva.

Com a pretensão de um fazer coletivo, apoia-se na realidade como ponto de partida traduzida pelos temas de interesse e situações significativas levantadas e trabalhadas pelos educadores/educandos. Estes temas, facilitadores de abordagens interdisciplinares visam instrumentalizar os alunos a aperfeiçoarem suas relações com o meio que os cerca, respeitando suas características básicas, enquanto pessoa, seu ambiente social, psicológico e cultural.

No desenvolvimento do currículo há uma preocupação constante de inserir aspectos básicos dos programas do sistema convencional para evitar problemas de ordem burocrática nos casos de transferências. Entretanto, mesmo esses aspectos não deixam de sofrer alterações na abordagem com ampliações e aprofundamentos à medida que o aluno ou a classe, em seu processo de crescimento, assim os requisitem.

O programa é, portanto, o resultado de um trabalho em conjunto que parte do estudo da realidade tendo a crítica, o diálogo e a problematização como suportes e desafios a capacidade criadora tanto dos educadores quanto dos educandos.

4 -A metodologia

a) Fundamentos

A opção por uma metodologia específica para nossa realidade é resultante da participação e das trocas que acontecem entre todos os envolvidos no processo.

Com base nas pesquisas psicopedagógicas e em princípios comprometidos com uma visão crítica, do mundo e da sociedade, dentro das experiências de Piaget, Freinet, Freire, Méndez, entre outros, delineamos nossa prática. Um fazer diferente fundamentado na construção do conhecimento e não na pura e simples transmissão de conteúdo, significando dessa forma, a mudança de concepção de que

o professor sabe-ensina e que o aluno é mero receptor, para a concepção de construir com alguém que sabe também. E neste agir conjunto respeita-se o saber cultural e a vivência de todos os participantes do processo educativo.

Esta nova visão muda o foco de nosso trabalho onde o importante agora não é o fato do aluno saber coisas, mas sim, e sobretudo, saber pensar competentemente sobre as mesmas. Nosso objetivo, pois, não é o de fornecer verdades prontas e acabadas, mas sim, antes, capacitá-los a reconhecer e construir sua parcela de conhecimentos.

Com isso, assumimos fundamentalmente um compromisso com a realidade onde é necessário aprender, aprender a fazer, enfim, reaprender, pois Escola para nós significa vida onde só se aprende a viver, vivendo crítica e inventivamente.

b) Atividades Básicas

As atitudes do cotidiano estão distribuídas em atividades coletivas e individuais, ou ainda, ou integradas de acordo com o momento:

- **Atividades de preparação** - têm início com o desenvolvimento de um plano de orientação de estudos. Antecedendo as atividades regulares do projeto previstas através das etapas, desenvolve-se com os alunos sessões de orientação de estudos durante a semana, visando proporcionar-lhes as condições básicas que lhes permitam estudar sem dificuldades. Nesta semana todas as tarefas vinculam-se ao ato de aprender a aprender.
- **Atividades Coletivas ou de Grupo** - são fundamentais neste trabalho, tendo por isso predominância em relação às outras. Favorecem a interação dos alunos na busca de um objetivo comum, dividindo e compartilhando esforços, tornando-os mais conscientes de si mesmo, aprendendo a ouvir e incorporar críticas às sugestões dadas, defendendo suas idéias e seu espaço no grupo, dividindo tarefas de modo produtivo; levando à compreensão de que o esforço solidário

para a obtenção de um determinado fim deve ser enriquecido no trabalho partilhado, onde se trocam informações, apoio e incentivo.

Essas atividades coletivas começam com o planejamento cooperativo de cada etapa a ser iniciada. Nela os alunos discutem os conteúdos, levantam os temas de interesse, as atividades, a participação individual e coletiva e a forma de avaliação. Prosseguem com os seminários, debates organizados e coordenados por eles em todas as etapas (ver fotos 1, 2, 3, 4, e 5 - anexos).

- **Atividades Individuais:** fazem parte do cotidiano de sala de aula. Antecedem ou precedem os trabalhos de grupo onde o aluno registra suas idéias, suas conclusões e pontos de vista acerca do que observou, leu ou ouviu. São instrumentos importantes que o professor aproveita para atender mais de perto as necessidades específicas do aluno (ver foto 8- anexos).
- **Consultas a diversas fontes:** usadas com muita frequência. Concebidas como ato de investigar assunto ou aprofundar o estudo em relação aos temas em discussão, para confronto de opiniões, ampliação de conhecimento, a partir do qual, o aluno ou o grupo elabora suas conclusões (foto 8 - anexos)
- **Excursões ou atividades extra-escola:** sempre presentes à medida que setores da localidade se apresentam com maior favorabilidade à aprendizagem dos alunos.
- **Reuniões de Pais x Alunos x Mestres:** programadas num total de três para cada semestre, conforme o esquema: a primeira, organizada e coordenada pelos técnicos e professores; a segunda, pelos alunos e a terceira, pelos pais. Nestas reuniões são apresentados os resultados da etapa anterior e a programação da nova etapa. Elas visam sobretudo, o inter-relacionamento pais, filhos e mestres. Vale salientar a grande frequência nas mesmas. É uma das oportunidades

de avaliação do aluno pelos professores e pais (ver fotos 6 e 7 - anexos).

- **Treinamento em serviço para os professores e técnicos:** de início realizados semanalmente, passando para encontros quinzenais. Esses encontros são constituídos de relatos de acontecimentos, discussões, tomadas de decisões, troca de experiências, estudo e produção de material.

c) A Ação Docente

Pela exploração do meio os alunos iniciam sua aprendizagem, constituindo seus conhecimentos. Ao professor cabe intervir nesse processo, propondo desafios, estimulando a curiosidade, a pesquisa e o posicionamento crítico, auxiliando-os na estruturação dos conhecimentos produzidos.

Através do diálogo e da troca de pontos de vista, o relacionamento cooperativo vai se estabelecendo entre os indivíduos (alunos x alunos, professores x professores, alunos x professores). Os pensamentos divergentes e os conflitos quando presentes são tomados e assumidos como fazendo parte de qualquer relação.

A ação do professor é ao mesmo tempo crítica e construtiva. Crítica, na medida em que procura compreender, propor e desenvolver uma prática docente no contexto de suas determinações sociais; construtiva, na medida em que trabalha com princípios científicos e metodológicos que propiciam a construção do ensino e da aprendizagem para o desenvolvimento do educando.

5 -A Avaliação

Se o Projeto de Blocos representava o desafio que a escola tentava enfrentar para melhoria do ensino haveria de se rever da mesma forma o processo de avaliação das atividades escolares. Ela deveria ser repensada em função da totalidade do processo educativo como instrumento desse processo e não como instrumento de medição quantitativa de informações repassadas aos educadores.

Na prática convencional, o pensar, o planejar e o executar os esquemas de avaliação evidenciam pressupostos para medir

quantitativamente determinados conceitos, técnicas e capacidades adquiridas ou determinadas pelo aluno, atribuindo-lhes conceitos que refletem a expectativa do programa de ensino desenvolvido. Tal processo parte do pressuposto que avaliar significa medir, como numa balança, o peso relativo de cada um dos lados do processo. Do lado do programa de ensino estabelece-se previamente uma quantidade de conhecimentos que deverão ser repassados. Do lado do aluno, a quantidade e o peso dos conhecimentos que ele deve dominar para se colocar na condição de aprendiz competente. À medida que os pratos se equilibram, a aprendizagem é considerada adequada, podendo o aluno ser promovido à etapa subsequente do aprendizado. A visão educativa que tais princípios refletem é o de uma ação estagnada, fragmentada e de mão única, pois a direção se dá sempre no sentido "programa de ensino ministrado - educando receptor e aprendiz".

Assim, na medida em que nos propomos a um trabalho pela via da interdisciplinaridade, a avaliação assume o papel de ingrediente contínuo, indispensável e deixa de ser apenas uma etapa final do processo. A dificuldade de estabelecer critérios e competência da avaliação no campo interdisciplinar é muito grande em virtude de sua complexidade se comparada ao modelo clássico.

No Projeto de Blocos em cuja abordagem a educação é vista como processo dinâmico, como atividade na qual os sujeitos que aprendem participam decisivamente, a avaliação tende a caminhar para a auto-avaliação, o que não significa que a avaliação seja função exclusiva de um único sujeito, mesmo que este aspecto seja de vital importância. "Aprender a avaliar objetivamente os próprios ganhos, forças e debilidades e planejar a forma de eliminar as debilidades requer uma experiência significativa na auto-direção. A avaliação abordada desta maneira pode contribuir gradualmente para a integração" (Dressel, 1958, p. 18).

A avaliação não é função exclusiva do sujeito, considerado individualmente, o grupo desempenha uma grande função na avaliação.

Com base nessas premissas foi possível esboçar diretrizes de um projeto de avaliação interdisciplinar com todas as dificuldades inerentes ao processo e ao momento. Passar de um modelo de organização disciplinar a um modelo interdisciplinar supõe remover e

renovar as atuais estruturas escolares. Da conjugação de forças surgidas do trabalho em equipe é que se realiza a interdisciplinaridade.

A diretriz primeira foi descaracterizar a avaliação como uma atividade momentânea que acontece apenas no final de cada bimestre como uma formalidade técnica ou para representar um produto final alcançado ou não pelos alunos. Ela é assumida como parte do processo considerando que todo o momento é momento de avaliação, portanto, todos os instantes, todas as atividades, são importantes para justificar-se junto aos alunos suas necessidades, possibilidades, conquistas e dificuldades, e aos educadores, a indicação de caminhos a serem tomados. Evidencia-se a freqüência dessa prática não só na relação aluno x professor, mas também no hábito da autocrítica e da avaliação do grupo. Desta forma, exclui-se o uso da prova como instrumento técnico de avaliação, acreditando-se que:

- uma prova isolada não traduz o conhecimento efetivo do aluno;
- os alunos não precisam provar seus conhecimentos, através de instrumentos isolados, já que eles demonstram na prática, nas resoluções das situações do dia-a-dia escolar se sabem ou não aplicar seus conhecimentos.

Se a pedagogia proposta é uma prática de vida que queremos que seja diferente, deve favorecer as trocas e não o desempenho individual de cada um.

As provas, quando usadas, visam acostumar os alunos a vivenciá-las, desmistificando-as e não como instrumentos básicos de avaliação.

A avaliação passou a ser feita mediante a combinação de diferentes estratégias que permitissem em diversos momentos e sob condições também diversas diagnosticar os progressos apresentados pelo aluno em relação ao seu saber anterior, bem como os resultados de um trabalho pedagógico, visando à tomada de providências posteriores. Incluiu-se a avaliação e auto-avaliação dos professores, dos técnicos e do aluno e a avaliação da família com referência à postura do aluno, culminando num conselho final (chamado Conselho de Ava-

liação) onde em consenso concluíam-se sobre os resultados alcançados pelo discente individualmente e no grupo.

Os Conselhos de Avaliação realizam-se por turma ao final da cada etapa (período em que é desenvolvido um bloco de disciplinas). Dele participam todos os professores, técnicos, alunos e pais. Professores e técnicos fazem seus relatos com base nos registros de observação do desenvolvimento do aluno, este se auto-avalia, registrando progressos e dificuldades no seu "Relatório de Vida Escolar" onde constam também anotações sobre os conteúdos e a participação da família. Ainda neste documento há um espaço que os pais usam para suas manifestações.

O desenvolvimento das reuniões do Conselho de Avaliação obedece os seguintes passos:

1 -Avaliação Geral:

- a) os alunos divididos em grupos avaliam cada um dos itens: conteúdos, metodologias, atuação dos professores, atuação da turma, atuação da administração e corpo técnico, atuação dos funcionários, participação da família;
- b) os técnicos e professores avaliam o processo, a turma como um todo e cada aluno.

2 - Avaliação individual dos alunos

Cada um faz sua auto-avaliação, seguida da avaliação dos professores e dos pais. Estes três elementos geram o consenso sobre o nível de desenvolvimento atingido pelo aluno.

III - PARTE

RESULTADOS ALCANÇADOS

Os resultados destes seis anos (1986 a 1991) que oportunizaram a vivência do Projeto de Blocos em todas as séries do primeiro grau maior (5ª a 8ª séries), com o mínimo de dois anos em cada série, permitem-nos expressá-los enfatizando aspectos que consideramos fundamentais para o alcance dos resultados obtidos e para a continuidade do trabalho.

1 - Aspectos relevantes:

- A consideração do aluno como sujeito ativo que interage de modo produtivo com o objetivo do conhecimento;
- o respeito ao ritmo de aprendizagem do aluno, suas diferenças individuais e sua cultura;
- o desenvolvimento do conteúdo de forma integrada, em etapas subseqüentes, reforçando sempre o caráter de interdisciplinaridade;
- a tentativa permanente de excluir a memorização mecânica e criar atitudes de constante observação, reflexão e crítica;
- o redirecionamento da prática de avaliação para uma dimensão propriamente educativa do indicador diagnóstico dos progressos do aluno.

2 - Vantagens Advindas:

- Expansão do tempo de permanência do professor na classe pelo aumento do número de aulas semanais;
- Maior interação: professor X aluno, aluno X aluno, aluno X professor e professor X professor, em vista da dinâmica assumida;
- Ampliação e aprofundamento dos conteúdos de acordo com o interesse e o ritmo do aluno e ou da classe;
- Diversificação de métodos e técnicas buscada pelos professores e/ou requisitadas pelos alunos, evitando saturação e facilitando a aprendizagem;
- Inserção da família e comunidade educativa na corresponsabilidade pelo processo;
- A auto-superação: a oportunidade oferecida pelo professor ao aluno para superar suas falhas a partir da concepção do erro construtivo. Daí a necessidade do sistema de avaliação não conter notas e pesos sucessivos, pois seria difícil dar uma média para quem, através da superação de suas falhas, está crescendo continuamente;
- Desenvolvimento da solidariedade grupai a partir da classe. A vinculação desta solidariedade a uma avaliação não classificatória fez com que os alunos se assumissem como educadores-educandos e, neste crescer juntos, ir demovendo, gradativamente o flage-lo da "cola", tão presente em todos os sistemas escolares;
- Dispensa do professor particular. É quase institucionalizada a presença do professor particular de disciplinas consideradas mais difíceis junto aos alunos de melhor condição econômica. O fato dele aprender a pensar, aprender a aprender, tornou-se de certa forma independente, na busca de seus conhecimentos, dispensando por isso, os serviços do professor parti-

cular, e reduzindo desta maneira as discrepâncias existentes na sala de aula entre os mais e menos dotados economicamente;

- Fortalecimento da interação professor/aluno/pais através dos Conselhos de Avaliação, Reuniões de PMA (pais, mestres e alunos) e atividades extra-escolares, como as viagens de estudo;
- Possibilidade de vivência da solidariedade grupai ou o semi-cooperativismo pelos pais na aquisição dos livros ou outros materiais. O Projeto previa uma articulação dos pais no sentido de fornecerem o máximo de recursos didáticos para os alunos. Cada grupo de pais ficaria responsável pela aquisição do material necessário para um só bloco . À medida que os alunos mudassem de etapa, teriam em cada bloco todo o material necessário que seria usado por todos que por aquela etapa passassem. Infelizmente, esta prática educativa e econômica não chegou a ser vivenciada;
- Processo de atualização dos professores partindo de sua própria iniciativa à medida que se defrontavam com esta necessidade, em vista da proposta que iam desenvolvendo, da exigência da clientela e da coerência necessária entre seu dizer e seu fazer.

3 -Aspectos Negativos e/ou dificuldades encontradas:

- Impossibilidade do aluno transferir-se de classe ou de escola antes da conclusão do semestre, enquanto as etapas não fossem concluídas;
- Não reconhecimento pela Escola da existência concreta do Projeto de Blocos em seu interior como algo inovador e não como um sistema convencional. Esta falta de percepção foi a grande barreira para o enraizamento e crescimento do mesmo como um todo na Escola;

- Discriminação vivenciada no início quando os alunos do Projeto eram considerados menos capazes pelo fato de não fazerem provas. Com o decorrer da experiência e os resultados mostrando o contrário, muitos deles passaram, a assumir uma postura de superioridade, o que tem exigido dos técnicos e professores um trabalho especial;
- Substituição de professores por motivos pessoais durante as etapas e as greves, o que afetou muito a continuidade e qualidade do processo de ensino e de aprendizagem;
- Carência de recursos financeiros que inviabilizou muitas ações que só enriqueceriam a experiência.

4 - Dados Estatísticos

Os quadros que seguem expressam os resultados obtidos nestes seis anos de experiência através do Projeto de Blocos, em comparação com turmas do sistema convencional. A diferença entre os dois evidencia para nós, em termos quantitativos, a qualidade e a validade do trabalho desenvolvido conforme nossa proposta inicial.

A seleção das turmas de controle obedeceu aos seguintes critérios: série, número de alunos por turma e faixa etária semelhantes.

Os índices apresentados representam a síntese dos 5 anos exposta nos quadros 1 e 2 que seguem.

QUADRO 1

COMPARATIVO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM TERMOS DE MÉDIA PE APROVAÇÃO PROJETO PE BLOCOS x SISTEMA CONVENCIONAL.

SERIE	AMOSTRAS 2 TURMAS		CONVENCIONAL GERAL
	EXPERIMENTO BLOCO	CONTROLE CONVENCIONAL	
5ª (5 anos)	95,8%	80,4%	82,0%
6ª (4 anos)	91,8%	77,5%	77,5%
7- (3 anos)	97,6%	75,3%	76,6%
8- (2 anos)	96,5%	78,5%	78,0%

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA
NÚCLEO PEDAGÓGICO INTEGRADO
QUADRO 2

COMPARATIVO DOS RESULTADOS OBTIDOS NO PERÍODO DE 1986 a
1990.

		ANO → 1986		1987		1988			1989				1990					
		SÉRIE →		5ª	5ª	6ª	5ª	6ª	7ª	5ª	6ª	7ª	8ª	5ª	6ª	7ª	8ª	
C O N V	TOTAL	140	179	173	158	166	216	220	172	184	194	196	221	152	173			
	APROV.	122	156	150	121	115	170	173	115	119	135	166	189	110	151			
	REPROV.	18	23	23	37	51	46	51	52	29	59	30	32	42	22			
	% APROV.	87	87	86	76	69	78	76	70	80	69	84	85	72	87			
A M O S T R A	B L O C 2	TOTAL	85	63	74	64	65	67	66	64	60	61	67	64	52	61		
		APROV.	83	57	68	63	63	63	66	57	59	58	63	57	51	60		
		REPROV.	2	9	6	1	2	2	0	7	1	3	4	7	1	1		
		% APROV.	97	90	92	98	96	97	100	90	98	95	94	89	98	98		
T U R	TOTAL	83	63	75	57	64	67	66	64	60	67	67	64	60	66			
	APROV.	71	54	64	40	46	54	53	44	46	47	57	56	41	58			
	REPROV.	12	9	11	17	18	13	13	20	14	20	10	8	18	8			
	% APROV.	85	85	85	70	71	80	77	70	76	70	85	87	70	87			

FONTE SECRETARIA DO CURSO DE 1º GRAU - N.P.I

Obs: A exiguidade de tempo para elaboração deste trabalho impediu a inclusão dos dados referentes a 1991

IV - PARTE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais sobre:

A Proposta A

Avaliação Os

Resultados

Ao pensarmos no Projeto de Blocos, ainda em pequeno grupo, não nos parecia tão difícil a tarefa que iríamos empreender e também não prevíamos que a experiência se tornaria tão rica e apaixonante.

Desde os primeiros momentos, as incertezas foram grandes, apesar da quase certeza de que trabalhando de forma diferente daquela em que alunos diariamente assistiam ao desfile de professores, de hora em hora, com assuntos diferentes, deixando-os aturridos, só poderia ocasionar um melhor aproveitamento. Estávamos abertos para repensar a escola e para refletir sobre as críticas que são feitas à instituição escolar. Estudamos pedagogos e pensadores, revisamos experiências pedagógicas nossas, discutimos nossa deficiência e nossa responsabilidade na especificidade de nossa escola como escola pública e escola de aplicação. Revimos a heterogeneidade de nossa clientela oriunda de todas as camadas da sociedade, com e sem aspirações de atingir a Universidade.

A tarefa por si se autolimitava.

Iniciamos assim buscando no respeito à inteligência, à capacidade criadora, à sensibilidade do aluno, o fundamento de nosso trabalho, cientes de que o aluno respeitado aprende a respeitar o outro. Acreditávamos que aprendendo a pensar criticamente "sobre a realidade", ele se daria conta das contradições que o rodeavam e cresceria, talvez, mais consciente de seu mundo.

Embasamos nosso trabalho na construção de um clima de dignidade na relação professor-aluno, convictos de que a criança tem o direito de encontrar, também na escola, um ambiente onde possa desenvolver-se sem pressões e ameaças, e onde o viver e o conviver sejam prazerosos e enriquecedores para todos.

Optamos por experiências, cuja significação nos pareceu relevante, procurando evitar as coberturas apressadas de conteúdo em nível superficial. Buscamos os meios de comunicação como recursos propiciadores de vivências cuja análise pode levar aos alunos à compreensão das diferentes e variadas facetas que a realidade apresenta.

Embasamos nosso trabalho no pressuposto de que sem mascarar defeitos e virtudes o aluno tem aspirações naturais para aprender, crescer, desenvolver-se, ser feliz. Pensamos que a escola, para revalidar sua existência, tem de ir ao encontro dessas aspirações, abrindo comportas e não, as fechando burocraticamente.

Enfim, baseamos nosso trabalho no desafio permanente de buscarmos coerência entre o que pensávamos e o que concretamente acontecia. Nem sempre tivemos êxito, a luta contra o estabelecido, o aceito, o padronizado não era algo fácil. Mas inúmeras vezes, fomos reforçados em nossa prática, mostrando a nós mesmos que pode existir uma escola mais humana, com mais vida e mais alegria e que nós podemos construí-la.

Desde o primeiro momento permaneceu o desafio a cada educador para, não só se permitir a ter idéias, mas principalmente as colocar em execução e discutir sua validade com o grupo. A função da coordenação era estimular o entusiasmo possível do grupo para que tentasse fazer o melhor.

Várias vezes saímos da escola animados, orgulhosos com o que estávamos realizando. Outras vezes desanimados. Lutáva-

mos para imprimir uma relação sem autoritarismo entre todos os membros da equipe e, principalmente, lutávamos para estendê-la para a intimidade de sala de aula, na relação professor-aluno. Implicava isto muitas vezes, a reformulação de importantes concepções humanas, em geral, e, em especial, dentro da instituição escolar.

As muitas idéias discutidas e estudos teóricos realizados buscavam sobretudo a possibilidade de: reduzir o excesso de verbalização, oferecendo aos alunos, sempre que possível, experiências diretas, ensinando a pensar com alternativas, com postura crítica em todas as oportunidades; encorajando a iniciativa e a criatividade; reformulando o processo coercitivo, adotando um enfoque aberto, experimental e interdisciplinar em todas as áreas de conhecimento.

No entanto, mais do que esses fatores fáceis de caracterizar objetivamente, tentávamos construir uma atmosfera de liberdade e de respeito. As primeiras reações foram às vezes, estranhas. Os alunos não estavam acostumados a um clima de trabalho onde pudessem opinar e decidir junto com os professores e, principalmente, optar para participar ou não das atividades.

O desafio que se propunha era de que o professor tentasse envolver o aluno no trabalho, pela própria satisfação em realizá-lo sem a recompensa direta de uma nota ou conceito. Isto implicava a necessidade do planejamento cooperativo para a proposição de experiências que interessassem realmente aos alunos. Constatamos que independentemente da nota e de toda a sorte de formalismo, se a tarefa é valiosa e interessante, há no aluno um desafio natural de descobrir, de conhecer, de aprender. E foi o que aconteceu. O alunos se envolviam na realização das tarefas com mais profundidade e mais amplitude do que esperávamos. Também revelaram capacidade de iniciativa, expuseram e defenderam idéias excelentes e demonstraram perseverança e prazer nas atividades e independência nas ações que assumiam com seriedade e responsabilidade. Estes, sem dúvida, são os aspectos marcantes que caracterizaram e caracterizam os alunos do Projeto de Blocos, testemunhadas pelos professores, pelos pais e pelos próprios alunos no dia-a-dia da escola conforme expressam nas manifestações anexadas a este documento.

É de salientar que a integração dos professores na filosofia do Projeto não se processou de forma linear e automática. Alguns,

prontamente nela se encontraram, reaprenderam a vibrar, a testar idéias, a se permitir tentar. Outros obstaculizaram o trabalho com restrições, manifestaram insegurança e dúvida sobre as possibilidades do êxito, não acreditavam nos resultados.

À medida que prosseguíamos, as reuniões iam se tornando mais importantes para o confronto de idéias e soluções alternativas.

Desde o início era nossa pretensão registrar a experiência não só para estudos posteriores, como para divulgação. Mas sem infra-estrutura organizacional e econômica, não foi uma tarefa fácil. O pouco que conseguimos com fotografias e três vídeos foi resultado de cotizações feitas pela supervisora e orientadora do Projeto e colaboração dos alunos.

Muitas solicitações enviamos à UFPa e ao MEC requerendo apoio financeiro para o Projeto. A única ajuda concedida foi em termos de material através da FADESP (Fundação de Amparo ao Desenvolvimento de Pesquisa).

Um dos aspectos difíceis de trabalhar no Projeto foi o de avaliação com os respectivos documentos formais que a expressam.

As normas regimentais da Escola apresentavam um sistema de avaliação que ia de encontro à concepção que embasava o Projeto. Buscando coerência, nós nos propusemos a estudar e a debater o assunto. Tínhamos uma perspectiva clara de que não faríamos provas regulares nem daríamos notas com os pesos que caracterizam os bimestres. Seria um desafio para nós, professores, propormos tarefas e tentarmos o envolvimento do aluno no trabalho, sem a recompensa da nota. Este foi o ponto de partida. A experiência foi iniciada e nós vivemos ao mesmo tempo entusiasmados e apreensivos. De início foi difícil tanto para o professor como para o aluno e pais, o fato de não atribuir nota aos trabalhos. Talvez tenha sido até mais difícil para os professores, que já estavam mais estruturados dentro de um sistema escolar que se apóia no julgamento contínuo. Mas logo a maioria esqueceu esta rotina escolar, no momento em que se redirecionou esta prática, dando-lhe uma dimensão propriamente educativa de indicador diagnóstico dos progressos apresentados pelo aluno. As dificuldades, as falhas e os erros concebidos construtiva-

mente tornavam-se pontos de partida para a retomada do processo pelo professor e aluno, a fim de que o objetivo previsto fosse alcançado na sua totalidade.

E assim, a experiência do Projeto de Blocos caminhou nestes seis anos. Foram seis anos de muito trabalho, de muito entusiasmo, de muita luta e de muito crescimento para todos que dele participaram. Idealizávamos que tendo condições suficientes para um caminhar mais concreto, inovador, pudéssemos estendê-lo a maior número de alunos e envolver maior número de professores. Este ideal talvez não seja concretizado. A resistência a modificações forma uma barreira quase intransponível. Mexer com a essência de problemas em educação, questionar a prática, o tipo de vida e o tipo de relação humana na intimidade da escola, não é tarefa fácil...

Mesmo assim, o ideal permanece... Talvez este relato estimule a novas reflexões e a outras tentativas... No sentido de construir coletivamente os caminhos da nova escola que nossa criança merece.

"Nem tudo que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado até que se enfrente".

(James Baldwin)

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAZENDA**, Ivani Catarina A. Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro. Ed. Loyola, 1979.
- FRANCHI**, Eglê - A Redação na Escola - Martins Fontes, 2ª Ed. Brasi-leira, 1985.
- FREIRE**, P. Pedagogia do Oprimido. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1975.
- Educação como Prática da Liberdade. São Paulo, Editora Paz e Terra, (19ª edição) 1989.
- SHOR, Ira. Medo e Ousadia. Editora Paz e Terra, 1987.
- FREITAS**, Luis Carlos de. A questão da Interdisciplinaridade: Notas para a reformulação dos cursos de Pedagogia. FE/UNICAMP, 1988. Documento apresentado no painel "Interdisciplinaridade e curso de Formação de Professores na V Conferência Brasileira de Educação de Brasília, 1988.
- Interdisciplinaridade (ou como ocultar a fragmentação). Documento apresentado no I Fórum de Debates sobre Educação promovido pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Campinas (SP), 1988.
- JAPIASSU**, Hilton. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. Imago Ed. Ltda, Rio de Janeiro, 1976.
- LIMA**, Elvira C. A. Souza. A Escolarização do Processo de Construção de Conhecimento. In Toda criança é capaz de aprender Idéias nº 6. Fundação para Desenvolvimento da Educação, 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação Educacional Escolar para além do autoritarismo. In Revista Ande nº 10 (1ª parte) e Revista Ande nº 11 (2ª parte), 1986.

MÉNDEZ, J. M. A. Educación y Sociedad. Akal Editor, nº 3, Madrid, 1985.

PIAGET.J. Para onde vai a educação? Ed. José Olympio, 1988 (10ª edição).

.....Linguagem e Pensamento da Criança, ed. Martins Fontes.5ª edição (1989).

SAUL, Ana Maria. Avaliação: é preciso democratizar. In Revista de Ensino Municipal nº 1. Ed. Cortez, 1988.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Ed. Martins Fontes. 1989, (2ª edição).

VI-ANEXOS

1 -GRADE CURRICULAR

2 - FOTOGRAFIAS

3 - USANDO A PALAVRA

1 -GRADE CURRICULAR

QUADRO COMPARATIVO DE DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA POR DISCIPLINAS NOS DOIS SISTEMAS ADOTADOS

DISCIPLINAS	SISTEMA CONVENCIONAL		PROJETO DE BLOCOS				
	Nº DE AULAS		DURAÇÃO	Nº DE AULAS			
	SEMANA	SEMESTRE	6 semanas 30 dias letivos	SEMANA	ETAPA		
P R E P A R A C A O M O D O N U C L E O P A R A O C O M U M T R A B A L H O	Língua Portuguesa	06	78	"	13	78 = 108 **	
	Educação Artística	01	13	"	05	30	
	Educação Física	02	26	"	02	12*	
	Língua Estrangeira						
	- Inglês	01	13	"	02	12	
	- Francês	01	13	"	02	12	
	Matemática	04	52	"	13	78	
	Ciências e Programa de Saúde	03	39	"	09	54	
	História	02	26	"	09	54	
	Geografia	02	26	"	09	54	
	E.M.C e O.S.P.B	01	13	"	04	24	
	Artes Práticas	Cursos Opcionais por bimestre (turno oposto),					
	Educação Religiosa	01 (uma) aula por semana,					

*Educação Física continuará com duas aulas por semana durante todo o ano.

**Aulas Integradas

DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA SEMANAL POR ETAPA

1º e 2º SEMESTRES

FA SÉRIE PROPOSTA INICIAL

1ª ETAPA		2ª ETAPA		3ª ETAPA	
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	CARGA HORÁRIA SEMANAL	CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	CARGA HORÁRIA SEMANAL	ESTUDOS SOCIAIS	CARGA HORÁRIA SEMANAL
DURAÇÃO: 30 DIAS 6 SEMANAS		DURAÇÃO: 30 DIAS 6 SEMANAS		DURAÇÃO: 30 DIAS 6 SEMANAS	
DISCIPLINAS		DISCIPLINAS		DISCIPLINAS	
1. LÍNGUA PORTUGUESA	13	1. MATEMÁTICA	13	1. HISTÓRIA	9
2. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	5	2. CIÊNCIAS/PROG. DE SAÚDE	10	2. GEOGRAFIA	9
3. LÍNGUA FRANCESA	2	3. EDUCAÇÃO FÍSICA	2	3. EMC	4
4. LÍNGUA INGLESA	2			4. EDUCAÇÃO RELIGIOSA	1
5. EDUCAÇÃO FÍSICA	2			5. EDUCAÇÃO FÍSICA	2
6. EDUCAÇÃO RELIGIOSA	1				
TOTAL	25		25		25

2. FOTOGRAFIAS

TRABALHO COLETIVO



1. A construção de uma maloca para a Feira Cultural no N.P.I - 1- Grau.



2. Ato Público, realizado pelos alunos em defesa do Índio



3. Um momento em que os alunos trocam suas experiências em matéria de música. Um aluno ensina para outro flauta doce e outros órgãos.



4. Visita de estudo à Corveta Iguatemi.



5, Visita de estudo à Albrás.



6. Reunião - Pais, Mestres e Alunos.



7. Reunião - Pais, Mestres e Alunos.



8. Um aluno expondo o seu trabalho, por ocasião da Feira Cultural, no N.P.I - 1º grau.

3 - USANDO A PALAVRA

os alunos

os pais

os professores

Manifestação dos alunos concluintes do 1º grau -1991.

Bloco: uma reflexão ()*

"Nesses quatro anos que passamos no BLOCO aprendemos muitas coisas, a ver o mundo de outra forma, a conhecer as pessoas. O BLOCO nos ensinou a crescer em grupo, a conhecer o que é importante para se levar da vida, a ver quem são nossos verdadeiros amigos; no BLOCO, encontramos valores, caminhos e estradas; a essência de uma cultura, de uma sociedade. As pessoas pensam que é fácil ser um aluno do BLOCO, mas o verdadeiro aluno sabe que não é tão fácil, pois você tenta e tenta, cada vez mais crescer, aprender, descobrir e ensinar.

O BLOCO não é feito só de professores e alunos, de carteiras e cadeiras e sim de pessoas com vontade de derrubar muros e castelos, dentro e fora de si mesmo.

Para nós, o projeto por sua filosofia, nunca acabaria, entretanto, nos entristece ver que poucos da comunidade do N.P.I realmente se interessam e, muitas vezes não querem ter trabalho, pois o BLOCO há sempre novas chances e elas exigem um grande esforço.

Muitas verdades deveriam ser ditas, acima de tudo refletidas, para que buscássemos soluções e respostas, para que nós não ficássemos cobertos pelo véu da mediocridade.

Relendo documentos do projeto, uma frase de Paulo Freire nos faz refletir bastante: "Educar é produzir equilíbrio, levar a maturação, e levar à capacidade de avaliação e resposta". Pois então, somos todos educados e temos equilíbrio e maturidade para avaliarmos e respondermos a nossas responsabilidades, sempre lutando a favor de nossos ideais.

Parabenizamos o BLOCO por suas vitórias e pelas conquistas de tantos alunos que se "acharam" dentro dele, além, da criti-cidade, respeito, união, amizade que adquirimos. Estaremos sempre confiantes de que transformações surgirão para a formação do Homem como criador de sua linguagem e que o nosso BLOCO nunca deixará de existir...tudo será alimentado dentro de nós.

Louvamos e honramos as Mestras RITA NERY e CONCEIÇÃO REBÊLO, e inúmeras professoras, que com coragem, persistência e amor, mesmo nos momentos de fraqueza, de dor, não se deixaram abater, mesmo com as pressões para que o projeto acabe, as pessoas que o vivenciam estão conscientes em qualquer momento, que a ESCOLA É PARA ENSINAR O ALUNO A VIVER E NÃO JOGÁ-LO NA VIDA".

* Elaborado pelos alunos da 8ª série - turma 801 e lido por ocasião da festa de encerramento do ano letivo de 1991.

Manifestação de uma aluna concluinte do 1º grau -1990

Avaliação do Bloco

dia 22.10.90.

"Essa avaliação não é como as outras, é especial. É uma retrospectiva de tudo o que aconteceu da 5ª série até agora. É também um agradecimento e uma despedida. Foram momentos de sucesso e de dificuldades que serão revividos através de uma estória.

Quando a minha mãe chegou em casa, disse que minha turma fora escolhida para fazer uma experiência chamada Projeto de Blocos. Nem ela soube esclarecer o que era. Minha cabeça ficou toda confusa e cheia de dúvida. O que é que esse Projeto tem que o outro não tem? Nos primeiros dias de aula estava tudo normal, nada de diferente, mas quando chegou o período de provas, nós não a fizemos, logo pensei: "- Meu Deus, esse Projeto é o máximo. A professora começou a nos incentivar a pesquisar e a participar das aulas, pois estávamos igual "bicho-do-mato". Notei que só eram dadas algumas matérias durante um período, as chamadas etapas. Acabou uma etapa, foi aberta uma roda onde os professores avaliaram os alunos e deram uma cor. Cor!? Cadê as notas? (e a minha cabeça haja a ficar confusa). Os alunos também avaliaram os professores além de se auto-avaliarem. Falar de mim mesma foi fácil! Com o passar do tempo, comecei a adaptar-me a metodologia, e as dúvidas e confusões que existiam na minha cabeça desapareceram.

Hoje, o Projeto, aliás, toda a Escola esta passando por uma crise: a falta de professores é um problema que está trazendo graves conseqüências ao projeto. O Projeto de Blocos, para o seu bom funcionamento exige que o professor conheça bem o aluno para que as dificuldades que tal aluno está encontrando possam ser superadas. Para isso é necessário que o professor se dedique totalmente ao assunto. Neste ano, os nossos professores foram trabalhar com o convencional, impedindo que desenvolvessem um melhor trabalho. Outro problema que enfrentamos esta vinculado às críticas que são feitas ao Bloco por aqueles que não o conhecem.

Bem, hoje estamos na 8- série, a um passo para atravessar a passarela, ou melhor, para iniciar uma nova etapa de nossas vi-

das, com segurança e com responsabilidade, mas principalmente conscientes de que estudar não é só freqüentar a escola e passar de ano e sim desenvolver nossas capacidades. Isso se deve aos professores que nos incentivaram, compreenderam, ajudaram, se dedicaram e se esforçaram para desenvolver um trabalho da melhor maneira possível. E se hoje vocês, professores, vêem um aluno que era cheio de limitações, lutou para superá-las e conseguiu, sintam-se orgulhosos, pois foi a ajuda de vocês e a força de vontade dos alunos que fez vencê-las. Valeu por todos nossos esforços durante todos esses anos! Valeu mesmo!"

Ass. Luciana Mota - 8ª série - turma 801

Manifesto de Pais
PROJETO BLOCOS -1991

Prezados pais:

Esta experiência pedagógica pretendeu ser aberta e na prática, tentou estruturar ouvindo e respeitando a opinião dos alunos, dos pais e professores.

Vocês vivenciaram com seus filhos esta experiência e seu testemunho, certamente, representa uma das partes mais importantes para o nosso relatório final.

01 Que pontos positivos e/ou negativos podem ser enumerados referentes:

a) a atuação dos professores:

Pelas vezes em que pude presenciar aulas (de matemática e português) fiquei impressionado com o relacionamento docente/discente. Era descontraído franco e estimulante; como inovação não se trata da relação pela relação mas da relação que amplia os meios de educação ampliada e mútua ou enriquecendo o docente e o discente.

b) a postura dos alunos:

Além das aulas acima estive em uma sessão de OSPB (1991) e vi um aluno que em 1990 me parecia "meio apagado mas que agora estava vivo, um perguntador, alerta. Infelizmente ainda não estive em todas as disciplinas mas pelo que presenciei- entendo que os discentes aproveitam bem do Bloco, não tenho provas do contrário.

c) o posicionamento da escola:

No interior da escola o Bloco existe, ele não é um sistema convencional, isto é, seu mérito , provavelmente um foco de dificuldades. Quem sabe se no processo de acompanhamento de egressos do Bloco, em um apoio constante e estimulante para os docentes (como o curso breve que

dei no 1º semestre e que dei com esta intenção de reconhecimento) não seriam medidas para enraizar e crescer o Bloco como um todo?

02 - Que aspectos do Projeto foram relevantes para vocês?

- *Justifique:*

1. *A luta do Bloco para se afirmar as possibilidades de inovação: o processo de reuniões com pais (positivamente).*
2. *A possibilidade do Bloco participar da feira de ciências (o NPI esteve na FEICIBEL, em 1990), mas não está lá em 1991: a burocracia dos boletins que ainda são preventivos o bastante.*

03 Quais os aspectos do projeto que na sua opinião, devem ser modificados? Por que?

Os itens 1 e 2 do tópico 02. A razão é que a história do Bloco pode crescer muito com a feira e os alunos de ciências; boletins preventivos, isto é, avisando em tempo não o resultado final, mas o encaminhamento ou o processo dos alunos, por exemplo, (antes da síntese das avaliações) uma espécie de aviso aos navegantes que ajuda a prevenir desleixos ou distorções nas quais a mão familiar poderia ajudar.

Belém, 07/11/1991

Pais do André Viana Sá

CARTAS LIBERAL - 24/04/91

ÊXITO

Manifestação de um pai

Caríssimo José Augusto

Como me sinto bem, neste momento, ao lhe escrever esta carta, para poder testemunhar não somente a você, mas também a quantos trabalham na área do Projeto de Ensino por Blocos de Disciplinas Afins a minha satisfação pelo irreduzível êxito já alcançado em poucos anos de sua implantação no NPI.

Não tenho queixas nem restrições de espécie alguma ao ensino convencional ministrado pelo NPI, cujos professores e técnicos possuem competência profissional e dedicação para trabalhar em qualquer tipo de ensino e apresentar rendimento de boa qualidade.

Mas, o ensino por blocos é uma experiência relativamente nova no NPI, motivo pelo qual entendo ser importante prestar este depoimento e, assim, motivar os professores, técnicos e Coordenação para persistirem no seu trabalho.

Minha filha Louise, que fez algumas séries no Projeto de Blocos, estudou, em 1990, em Belo Horizonte, cursando a oitava série do primeiro grau, nos padrões do ensino convencional.

Imaginei que fosse ter dificuldades, mudando de um ensino experimental para outro já sedimentado. Mas, a minha impressão não se confirmou. Ao contrário. Saiu-se muito bem no seu desempenho e entendo, até que por causa do desembaraço e da flexibilidade mental que adquiriu no Projeto de Blocos, soube transpor as dificuldades iniciais de qualquer mudança, surpreendendo a mim, à mãe dela, aos professores e colegas de Belo Horizonte.

Em face desse sucesso por ela obtido e das reações positivas que alcançou, em meio a um ambiente desconhecido e supostamente mais avançado, só posso atribuir à qualidade do ensino ministrado pelo NPI e aos mecanismos de aprendizagem e de desempenho que ela conquistou no Projeto de Blocos.

É claro que ela, também, contribuiu para isso, porque é responsável e estudiosa. É claro que, provavelmente, teria êxito se fosse egressa do sistema convencional, porque tantos outros estudantes são bem sucedidos nele.

Entendo justo, contudo, dizer a você, autorizando a repassar ao quadro docente e técnico do NPI, que o Projeto de Blocos é um laboratório didático-pedagógico que já deu certo e vai continuar dando certo.

É assaltado por uma forte emoção que lhe confesso estar reconhecido ao NPI por experimentar o Projeto de Blocos, ter investido, com obstinação, no êxito desse empreendimento pedagógico e ter alcançado os frutos que já alcançou.

Posso dar-lhe meus parabéns e a todos quantos trabalham no NPI pela experiência bem sucedida, distribuindo seu sucesso por todos os integrantes da área de Projeto de Blocos, Coordenação, Coordenadorias do 1º grau e Diretoria, técnicos, professores, serviços de auxiliares de todos os níveis.

Luiz Euclides Alves de Araújo

Transcrito da seção de Cartas do Jornal LIBERAL - 24/04/91

Manifestação de uma Professora do Projeto

"Você quer trabalhar conosco no Projeto de Blocos? Foi convite que recebi da professora Rita Nery. Senti-me diante de um desafio e como tinha sede de mudança na Educação e principalmente no ensino de língua materna, tão criticado em nosso país, senti que era o momento para saciar a sede.

Mas como eu poderia aceitar o convite sem conhecer o projeto? Sim, porque ele era motivo de comentários aprovadores e reprovadores em nossa escola. Então, fui convidada a participar de uma avaliação de final de etapa, onde alunos, professores, técnicos, e pais faziam um balanço dos progressos e dificuldades de cada um como membro da escola. Aquela avaliação levou-me não só a aderir ao projeto, como também a colocar minhas filhas nele.

Nestes cinco anos como professora do Projeto aprendi muito. Foi preciso querer trabalhar mesmo! Passei a perguntar aos colegas fundadores do projeto, aos técnicos e aos próprios alunos da 7ª série como seguir as diretrizes adotadas pelo projeto, em muitas ocasiões. Fazer articulação entre a minha disciplina (Português) e as outras que compunham aquela etapa, pensando nas próximas que viriam, parecia impossível. Afinal, apesar de procurar sempre ser criativa em minhas aulas nunca tinha saído do meu casulo para planejar junto com o professor de Ciências, História, Geografia, Educação Artística e outras disciplinas. Passei a ler mais sobre elas, comecei a trabalhar textos relacionados com os conteúdos abordados por meus colegas, os temas das redações surgiam desses conteúdos e os resultados foram surpreendentes: alunos mais participativos, criativos, inebriados pela vontade de dominar o saber, e principalmente sentido-se valorizados, pois a redação dos seus trabalhos de História, por exemplo, também era acompanhada pelo professor de Português.

Neste clima de ajuda mútua, as produções dos alunos cresceram em qualidade trazendo muitas satisfações para os professores que se sentiam motivados a estudar cada vez mais, enriquecendo sua prática pedagógica, já que todas as disciplinas tinham igual importância para o desenvolvimento integral do aluno.

Lembro-me das primeiras redações elaboradas pelos alunos. Como foi difícil não corrigir os erros para que eles próprios o fizessem a partir de análise e discussão do texto escrito. E a angústia que senti ao aproximar-se o dia da avaliação final da etapa! Era o medo de errar diante de algo totalmente diferente do que havia feito antes em termos de avaliação! Mas, tudo isto levou-me a querer saber mais sobre as disciplinas da área pedagógica e aprendi que não bastava conhecer os conteúdos de Português era preciso ir mais além, tentar compreender melhor o homem.

As treze aulas semanais de Português e as constantes reuniões com os colegas que ministravam as outras disciplinas para conversarmos sobre as dificuldades apresentadas por cada aluno, deram-me a chance de conhecer melhor meus alunos e assim poder respeitar seus limites, tentando sempre ajudá-los a superarem suas deficiências.

Acredito que ainda haja muito a fazer para contornar as dificuldades que surgem no dia-a-dia do Projeto de Blocos. Entretanto, os pontos positivos são tantos, especialmente no que diz respeito ao trabalho docente em equipe, que faz com que tenha sido extremamente válida a sua implantação".

Leida Maria Costa de Freitas



**INTERDISCIPLINARIDADE,
UM DESAFIO À QUALIDADE DE ENSINO
DE 1º GRAU**

MAURA COSTA BEZERRA

MARTA LÚCIA DE SOUZA CELINO

(Um Desafio para um Novo Tempo)

Natal - RN

1992

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1 - APRENDENDO DE FORMA INTERDISCIPLINAR

2 - PLANEJAMENTO DE ENSINO

3 - PROCEDIMENTOS DE ENSINO

3.1 - COMO PROCEDER A AÇÃO INTERDISCIPLINAR? 4-0

SISTEMA DE AVALIAÇÃO

5 - A OPERACIONALIZAÇÃO DE UMA AULA INTEGRADA

- TEMA
- CLIENTELA
- OBJETIVO GERAL
- PROCEDENDO A AÇÃO
- CRITÉRIOS RELEVANTES PARA SEREM AVALIADOS
- FORMAS DE AVALIAÇÃO

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APRESENTAÇÃO

Esta Proposta Metodológica tem como principal objetivo demonstrar alguns encaminhamentos para uma prática docente que seja ao mesmo tempo crítica e construtiva. Crítica na medida em que compreenda, proponha e desenvolva a prática docente no contexto de suas determinações sociais. Construtiva na medida em que trabalhe com princípios científicos e metodológicos que dêem conta da construção do ensino e da aprendizagem para o desenvolvimento do educando.

Se se deseja exercitar uma prática docente crítica, importa levar em conta objetivos políticos desta prática, assim como princípios científicos metodológicos que traduzam a visão política que se tem e a realização das tarefas da ação pedagógica com coerência frente aos aspectos supracitados.

No caso, assumimos como compromisso político a necessidade de estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva. Para cumprir esse objetivo, definimos como mediação a transmissão e assimilação ativa dos conteúdos sócio-culturais, e para o processamento da assimilação dos conteúdos, utilizamos a Interdisciplinaridade como critério alternativo viável para a apreensão global dos mesmos através dos métodos dialético-experimentais, envolvendo temas geradores para que ocorra a articulação entre as diversas áreas do conhecimento.

A presente proposta tem como referencial teórico a Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos.

Trata-se de uma Pedagogia que leva em conta os determinantes sociais e que propicia a crítica dos mecanismos sociais que

nos são impostos como verdadeiros, resultantes da divisão da sociedade em classe antagônicas.

O que delineou a presente proposta foram os estudos das obras de Snyders (1988), Libâneo (1990) e Fazenda (1991).

Como resultado desses estudos, elaboramos nossa proposta, defendendo a formação integral de nossos alunos como seres ativos dentro de uma sociedade, apresentamos a alternativa que consideramos proveitosa no tocante à desmistificação dos conteúdos prontos e acabados, fragmentados e fora do contexto do educando.

Apresentamos, ainda, a operacionalização de um conteúdo na forma interdisciplinar e, no final, as dificuldades encontradas e os resultados esperados.

INTRODUÇÃO

Originou-se o presente trabalho de uma preocupação com os altos índices de evasão e repetência no sistema oficial de ensino brasileiro, o que nos levou a uma reflexão mais profunda a esse respeito e, sucessivamente, à realização de estudos no sentido de identificar a verdadeira problemática que permeia o ensino público.

Segundo as estatísticas fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE relativa ao Censo de 1980, havia no Brasil cerca de 19 milhões de pessoas analfabetas e 35 milhões sem escolaridade nas quatro primeiras séries do 1º Grau em 1980.

O analfabetismo não se limita às faixas etárias acima de quinze anos. Ele atinge também as crianças de 7 a 14 anos, que estão em idade escolar, mas que nunca freqüentaram a escola, ou a abandonaram. Em 1980, 7 milhões e 553 mil crianças estavam fora da escola.

De acordo com o estudo sobre o ensino de 1º Grau no Brasil, relativo ao ano de 1982, pelo menos 90% das crianças de cada nova geração tem acesso à escolarização(*).

Neste sentido afirma-se que o ingresso na 1ª série do 1º grau já é praticamente universal. Com exceção da população nordestina, principalmente das famílias de baixa renda que residem na área rural, entre as quais se registra a matrícula de apenas 64% das crianças em idade escolar.

Apesar do acesso assegurado a essas crianças não se garante a permanência das mesmas na escola até a conclusão do 1º

(*)-FLETCHER (1982)

grau. Pois as altas taxas de repetência marcam o ensino básico no Brasil, tornando-se responsáveis pela não-permanência dessas crianças na escola.

Verificamos, ainda, que a taxa anual de repetência para crianças da zona urbana do Sudeste chegava, em 1982, a 37% enquanto que, na zona rural do Nordeste, a taxa alcançava 74% de re-petentes. Estes dados demonstram que a situação educacional se agrava mais nas regiões mais pobres do país.

Partindo do exposto, podemos afirmar que a escola que atende a essas populações não tem respondido adequadamente aos interesses, às necessidades e características das camadas mais pobres.

Compreendemos que não cabe à escola promover a mudança das condições sociais que têm afetado o desempenho dos alunos. Porém, acreditamos que ela pode buscar alternativas mais viáveis de trabalho para garantir a permanência dos alunos em sala de aula e a sua promoção de uma série para a outra. Pois cabe à escola oferecer uma educação que contribua para que o aluno compreenda a sociedade em que vive e os condicionantes que determinam a sua condição de ser social.

Apresentamos, ao longo desta proposta, uma alternativa de trabalho voltada para a Interdisciplinaridade envolvendo as diferentes áreas do saber, com vistas a fornecer ao educando as condições para que se aproprie do conhecimento sistematizado e acumulado no decurso do tempo.

A Interdisciplinaridade consiste numa tentativa de superação da fragmentação do saber, num projeto de ensino voltado para o conhecimento global, no qual o indivíduo tem a responsabilidade de se envolver com o projeto, com as pessoas e as instituições a ele pertencentes.

A principal característica da Interdisciplinaridade é a ousadia da busca, da pesquisa. É a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir. Essa busca incessante garante um grau elevado de maturidade devido ao exercício de novas formas de encarar a vida, percebendo que um fato nunca acontece isoladamente, mas que é conseqüência de outro fato.

Nessa perspectiva, o aluno lança-se na busca do "novo", cujo ponto fundamental é a consciência das transformações permanentes, pelas quais passa o ser humano. Transformações estas que abrangem o homem na sua essência (corpo físico, mental e espiritual).

Cabe aqui esclarecer que a prática Interdisciplinar transcende a prática Interacionista, pois possui uma única concepção do conhecimento (conhecimento total) e que essa prática por si só não garante a perfeita execução da construção do conhecimento, surgindo assim, como possibilidade de enriquecer e ultrapassar a integração dos elementos do conhecimento através de movimentos ininterruptos, criando ou recriando outros pontos para discussão.

1. APRENDENDO DE FORMA INTERDISCIPLINAR

A Interdisciplinaridade materializa-se em consonância com os centros de interesses relativos a um tema gerador.

Os Centros de Interesses são classificados em Adicional e Acidental.

Exemplificando o Centro de Interesse Adicional partimos do tema "Animal". No caso, o animal que está sendo trabalhado é a galinha. Durante um passeio para observar como a galinha vive, de que se alimenta, a que reino da natureza ela pertence, etc, os alunos observam outros animais e ficam encantados com outro animal. Em decorrência desse novo interesse planeja-se uma ação adicional. Dessa forma o conhecimento dos alunos extrapola e se amplia mediante um interesse novo.

O Centro de Interesse Acidental acontece quando um fato novo aparece sem que se esteja estudando um assunto equivalente, e desperta o interesse geral da turma, que se envolve e procura aprofundar o assunto.

Percebe-se que os Centros de Interesses supra-mencionados necessitam de estudos e replanejamento das atividades a serem desenvolvidas, tornando-se assim necessária a busca constante da pesquisa e de novos estudos.

Para entendimento dessa nova forma de ação pedagógica, torna-se imprescindível que o professor compreenda os princípios básicos que norteiam a proposta Interdisciplinar, quais sejam: de totalidade, de pesquisa, da busca do "novo", da sistematização, da consciência crítica e da compreensão de que um fato não existe isolado de outro.

Mediante a compreensão desses princípios, o professor deverá assumir uma postura que permita articular a vida escolar em torno da atividade do aluno, não se tratando mais de transmitir conteúdos isolados, mas de fornecer os elementos para que os alunos possam se apropriar do conhecimento científico, associando-o a sua prática histórico-social.

É importante perceber que a concepção do mundo que nos cerca se dá em consonância com os fatores intelectuais, emocionais, sociais e culturais. A compreensão do mundo nada mais é do que uma leitura global dos seus condicionantes.

Essa concepção de leitura do mundo é muito importante para nossa prática pedagógica, uma vez que para ler e compreender o mundo se faz necessário que o aluno adquira atitudes de observação, relação, associação e generalização.

2. PLANEJAMENTO DE ENSINO

O planejamento de ensino com vistas à Interdisciplinaridade deve possibilitar a concretização da proposta que se quer efetivar, no sentido de atender aos interesses dos alunos a que se destina, ou seja, deve expressar a intenção educacional pretendida pelo professor.

Segundo Fusari (1988) o processo de planejamento é concebido da seguinte forma: "... O planejamento de ensino é o processo de pensar, de forma rigorosa, radical e de conjunto, os problemas da educação escolar, no processo ensino-aprendizagem. Conseqüentemente, o planejamento de ensino é algo mais amplo e abrange a elaboração, execução e avaliação de planos de ensino."

Nesse sentido, o fundamental é desencadear um processo de repensar o ensino buscando um significado transformador para os elementos básicos do plano de ensino.

Assim, o plano de ensino será o instrumento que vai orientar o trabalho docente de forma mais abrangente e flexível do que simplesmente está registrado no plano de aula, que se complementa e se interpenetra no planejamento através da ação-reflexão-ação da prática social-pedagógica.

Portanto, cada professor tem um critério na elaboração do plano de ensino. Porém, se, de fato, este professor estiver comprometido com o ensino-aprendizagem de seus educandos e quiser alcançar seus objetivos deve considerar:

- O objetivo pretendido;
- A clientela envolvida;
- O que pretende ensinar;

- Que conteúdos integrar;
- Que recursos utilizar para que o aluno possa assimilar os conteúdos de forma crítica e criativa;
- Que situações propor para o aluno participar da montagem do plano;
- Que atividades de integração serão trabalhadas e em que situação a comunidade participará; e
- Quais os critérios considerados relevantes para avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

3. COMPONENTES DE ENSINO

Consideramos de primordial importância a delimitação dos objetivos em relação ao tema proposto para uma Unidade. Estes objetivos serão traçados sob a ótica de um projeto ético e político-social, que oriente a dimensão técnica da prática pedagógica, ou seja, o Professor deve estar comprometido com a perspectiva de mudança e avanço do conhecimento habitual para o conhecimento científico.

A clareza na definição dos objetivos servirá de referencial para possibilitar ao aluno um contato mais íntimo com as diferentes aproximações do processo ensino-aprendizagem.

Os conteúdos relacionados ao tema serão trabalhados levando-se em consideração o conhecimento do senso comum, partindo-se do mais próximo para o mais distante, ou seja, o conhecimento habitual servirá de ponto de partida para a introdução do conhecimento científico, que será, gradualmente, abstraído a partir das inferências feitas através de leituras variadas, observações "in loco", etc. Posteriormente, o educando extrapola seus conhecimentos atingindo um nível cultural mais alargado.

Esses conteúdos serão articulados com as experiências dos próprios alunos e o conhecimento historicamente construído.

As situações de aprendizagem serão propostas aos alunos através de desafios, que possibilitem aos mesmos um exercício mental em busca de soluções para a construção do seu próprio conhecimento, tornando-se, assim, as aulas dinâmicas e transformando-se numa atividade agradável.

A efetivação desse processo será através das atividades de registro, análise e produção de textos, isto é, tudo que se observar, ler e ouvir será registrado; em seguida, será analisado sob a ótica do

contexto sócio-econômico, político e cultural, e, conseqüentemente, as conclusões ou inferências serão produzidas sob a forma de textos.

Vale salientar que todas essas atividades exigem uma certa diretividade por parte do professor, que estabelecerá um clima favorável ao relacionamento com o aluno, o que deve se dar de forma horizontal.

3.1. COMO PROCEDER À AÇÃO INTERDISCIPLINAR?

Se o planejamento é participativo, deve haver integração entre escola, pais e comunidade, de forma clara, precisa, crítica, consciente, responsável e produtiva, garantindo condições de trabalho em benefício do aluno.

A integração desses elementos é lenta e difícil, e se concretizará no momento em que pais e comunidade se convencerem que o aluno é figura central do processo educativo, que precisa ser educado integralmente, aos poucos, em todas as propostas previstas no planejamento. O aluno perceberá que pode emitir opiniões, falar e propor, enfim, atuar ativamente no processo ensino-aprendizagem.

Alcançada a maturidade da comunidade, esta passará a fazer parte da escola, terá condições, segundo seus conhecimentos, de introduzir novas formas de atuação que enriquecerão o processo integrador, ou seja:

- Assumir responsabilidade no desenvolvimento do trabalho participativo;
- Organizar equipes para sondagem diagnóstica da realidade da escola, no que se refere a sua clientela, à comunidade, aos recursos humanos e físicos disponíveis para um trabalho integrado, etc.

Essas formas de atuação e outras mais poderão ser trabalhadas interdisciplinarmente, sob a orientação do professor, que propiciará ao aluno, inclusive, condições de:

- Participar de cursos como: Higiene, Alimentação, Nutrição e Arte Culinária;

- Garantir material escolar necessário para o trabalho participativo;
- Sondar, junto ao comércio, possibilidades de aquisição de materiais a preços mais baratos, desde o lápis até ao uniforme, buscando transformar o trabalho discente numa atividade agradável, produtiva e integrada.

4. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Faria (1991) afirma que "avaliação é uma conclusão valorativa a que se chega através da análise de instrumentos elaborados com base em critérios pré-estabelecidos, adequados à realidade do aluno e aos objetivos previstos, que nos leva a tomar decisões em relação ao processo de ensino-aprendizagem." Portanto, a avaliação deverá estar articulada com os objetivos propostos, impulsionando o curso da ação, dimensionando e redirecionando, se necessário, a própria ação.

Os instrumentos de avaliação devem ser bem elaborados, variados e adequados aos objetivos, aos conteúdos, à clientela e à metodologia aplicada. E, uma vez aplicados, precisam ser bem analisados e interpretados, a fim de servirem de base para o replanejamento e a tomada de decisão.

Os resultados da avaliação devem sempre ser comunicados aos interessados no processo - aluno e família - mostrando o que foi avaliado e o que foi alcançado.

O professor deve registrar as observações nos trabalhos dos alunos para que eles percebam porquê não atingiram o nível máximo; ou, se o conseguiram, destacar o fato.

Essas observações não devem ser expressas com chavões, protótipos prontos, que muitas vezes não são significativos para os alunos. O parecer descritivo deve ser redigido cuidadosamente, para não apresentar erros de expressão escrita. O parecer pode ser enriquecido através da entrevista individual com o aluno e os pais.

Para que o planejamento e avaliação participativa aconteçam, é necessário conscientizar a comunidade escolar de sua importância e do valor do papel de cada um no desenvolvimento dos

mesmos. A participação efetiva de cada um e a aceitação da contribuição do outro leva ao conhecimento da situação e à responsabilidade no aprimoramento do processo.

Luckesi apresenta a avaliação como: *"ver, julgar e agir."*

Para Pedro Demo, existe a "qualidade formal" e a "qualidade política" na avaliação.

A qualidade formal se refere à estrutura do trabalho e à instrumentação técnica. A qualidade política diz respeito à participação, ao envolvimento, ao compromisso de cada um no ato de aprender.

Avaliar não significa dar nota pela participação, mas avaliar a participação, de modo a incentivar o compromisso do aluno com o seu próprio conhecimento. A avaliação deixa de ser uma arma do professor contra o aluno como poder arbitrário de classificação, e passa a ser uma análise conjunta do que foi realizado, do que falta realizar e o porquê isso ocorre.

Segundo Lorenzoni, "a avaliação há de ser auto-avaliação para o aluno, instrumento de diagnóstico para o professor e constatação da trajetória do processo educativo da escola, para definir com objetividade a racionalidade deste mesmo processo de trabalho, com vistas à produtividade que se deseja em termos de uma certa qualidade."

Em síntese, o próprio processo de avaliação deve ser reavaliado como um instrumento de diagnóstico para o professor, para o aluno e para a escola, de modo constante e permanente.

5. A OPERACIONALIZAÇÃO DE UMA AULA INTEGRADA TEMA. RECURSOS NATURAIS

Enfoca-se o estudo do solo dentro do grande tema e sua importância no desenvolvimento da cultura de subsistência, a problemática do pequeno agricultor, empobrecimento do solo, diferentes formas de reaproveitamento do solo;

Enfoca-se, também, o processo de produção dos alimentos, sua importância para o organismo, a industrialização desses produtos e as relações existentes no processo de produção.

Poderão ser trabalhados temas complementares sobre o solo como:

- Técnicas de aproveitamento do solo;
- Reforma Agrária;
- etc.

Sobre a água

Água e sabão, sujeira não!

- Produtos de limpeza e sua fabricação;
- Substâncias químicas poluentes do meio ambiente;
- Surgimento da fabricação de detergentes (fabricação caseira e industrialização);
- Os detentores do lucro da produção;
- Os consumidores do produto;
- etc.

CLIENTELA: ALUNOS DE 1º GRAU

OBJETIVO GERAL: Conhecer e analisar os principais recursos naturais e, dentre eles, estudar o solo, destacando a importância da conservação do mesmo para o cultivo e produção de alimentos e as relações que permeiam a industrialização dos alimentos.

PROCEDENDO A AÇÃO:

Inicialmente trabalharemos com os alunos fazendo um levantamento de expectativas através de uma tempestade mental, informalmente, registrando as informações obtidas, com a finalidade de sondar o nível de conhecimento da turma em relação ao tema, e para verificar como eles percebem a questão do solo.

Em seguida orienta-se para a busca de informações junto às suas famílias e comunidade mais próxima, e fornece-se uma bibliografia para pesquisa em jornais, revistas, pesquisas "in loco", entrevistas, excursões, etc.

Exemplo:

Na comunidade - Quais as principais atividades produtivas exercidas na região local; O problema da migração; Como foram as relações de produção praticadas antes e como estão sendo praticadas atualmente, etc; Pesquisa de preços em supermercados; Visitas a fábricas para verificar o funcionamento e a produção de alimentos; Coleta de informações junto aos agricultores da região sobre épocas de plantio e de colheita; Levantamento de dados sobre o preparado do solo para o plantio.

Na família - Confrontar os mitos e as crenças junto à família.

Às atividades iniciais se seguirão os trabalhos de pesquisa, orientados pelo professor, através de:

- Discussão e análise das informações coletadas de maneira informal;

- Sistematização oral das idéias; e
- Sistematização escrita.

A sistematização nas séries iniciais far-se-á através de desenhos, dramatizações, produção de pequenos textos, composições dos fatos observados.

Nas séries subseqüentes, essa sistematização se dará de forma mais elaborada. Por exemplo: Apresentação de um Relatório escrito.

Para trabalharmos a sistematização podemos usar a Linha de Tempo na forma linear, com os alunos, realizando a contextualização a partir das informações coletadas e, em seguida, far-se-á um confronto com as informações primeiras com a intenção de desmascarar a realidade última.

CRITÉRIOS RELEVANTES PARA SEREM AVALIADOS:

Os critérios da avaliação a serem considerados são as habilidades, atitudes, valores, formas de expressão escrita e oral, habilidade de ouvir, complementação da conversa dos colegas, fazer anotações, discriminação e classificação de informações, dados recebidos, análise crítica dos dados, quantificação dos dados, elaboração de problemas com os dados, organização e cooperação no trabalho, sistema de numeração, elaboração de textos usando a linguagem padrão (gramática, ortografia...), organização de grupos sociais, etc.

FORMAS DE AVALIAÇÃO:

REGISTRANDO O APROVEITAMENTO

Instrumento - *Observação - Ficha de acompanhamento.*

Critério - *aproveitamento cognitivo, afetivo e psicomotor.*

- *Operacionalização* - O professor elabora uma ficha para cada aluno, que ficará ao alcance do professor para anotar as ocorrências significativas, como por exemplo: mudança de comportamento (quebras, avanços).

Observando os grupos, para perceber as dificuldades encontradas e ao mesmo tempo buscar soluções para as mesmas.

Fornecer ao aluno um instrumento de auto-avaliação, através da participação do mesmo no processo avaliativo, esclarecendo o que se quer avaliar, porquê avaliar, como e quais os critérios e pesos para atribuir-se um juízo de valor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na proposta por nós apresentada, a preocupação com as dificuldades encontradas pelos alunos está em primeiro plano. Como consequência, a metodologia de ensino aplicada é a interdisciplinaridade, que permite a participação da turma no processo educativo, visando sua formação integral.

A sugestão adotada por nós no tocante a ultrapassagem das dificuldades é a discussão das mesmas junto aos alunos, criando uma relação de reciprocidade e de independência em sala de aula, onde cada aluno possui a liberdade de discutir suas dúvidas, seus anseios, suas necessidades e, juntos, buscarem saídas que possibilitem o avanço do conhecimento.

Na medida em que o grau de dificuldade se elevar e que se tornar impossível a solução da dificuldade entre o professor e o aluno, toda a comunidade escolar será convocada para discutir a dificuldade em foco. As alternativas mais viáveis serão testadas e, se mesmo assim, não for suficiente para vencer a dificuldade, novas plenárias serão realizadas.

Estamos conscientes de que esta proposta de trabalho se constitui numa tarefa árdua e num verdadeiro desafio para quem se compromete com a aprendizagem de seus alunos, isto por que a efetivação da mesma inclui uma desorganização do currículo escolar, com vistas a uma maior compreensão da realidade (mais ampla) na qual o indivíduo está inserido.

Esta sistemática se torna mais trabalhosa porque o processo do conhecimento se dá, inclusive, através de "quedas" como diz Snyders (1988), "através de muito esforço para reconquistar o do-

mínio de si mesmo, contra as tentações de deixar cair, de resignar-se a colher um pouco do prazer e dos abandonos consentidos".

Acreditamos que esta alternativa de trabalho proporcionará ao aluno uma liberdade que lhe permita crescer cultural e socialmente, onde ele possa reconhecer-se melhor em um pensamento e em uma ação, fazendo uma relação de si próprio no contexto sócio-cultural, através de uma aventura intensa para os que tiverem coragem de sondá-la e colocá-la à prova, além de fornecer ao educando subsídios para que ele se torne agente de novas mudanças e, com isso, prepare-se melhor o futuro.

Esta alternativa de trabalho dá-nos, ainda, condições de atuarmos em nossas próprias transformações, atuando na sociedade na qual estamos inseridos.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **CANDAU**, Vera Maria. Rumo a Uma Nova Didática. Editora Vozes Ltda. Petrópolis. 1988.
2. **FAZENDA**, Ivani Catarina Arantes. Proposta Interdisciplinar na Escola. Editora Cortez. São Paulo. 1991.
3. **FEIL**, Iseuda Teresinha Sausen. Conteúdos Integrados: Proposta Metodológica. FIDENE. Editora Vozes Ltda. Petrópolis. 1985.
4. **FUSARI**, J. C. O Papel do Planejamento na Formação do Educador. SE/CENP. São Paulo. 1988.
5. **GRESSLER**, L. A. Pesquisa Educacional. Edições Loyola. São Paulo. 1983.
6. **LIBÂNEO**, José Carlos. Democratização da Escola Pública. Edições Loyola. São Paulo. 1990.
7. **LUCKESI**, Cipriano Carlos. Prática Docente e Avaliação. ABT. Rio de Janeiro. 1990.
8. **REVISTA DO PROFESSOR**. Porto Alegre. V.7. Ano VII - Out./Dez. nº 28. 1991.
9. **SNYDERS**, Georges. A Alegria na Escola. Ed. Manole. São Paulo. 1988.



NOSSA HISTORIA: O PROCESSO DE MUDANÇA

MARÍLIA ALVES PEQUENINOS

MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA

EDLAUVA OLIVEIRA DOS SANTOS

MARIA VERÔNICA DA SILVA

EDLAMAR OLIVEIRA DOS SANTOS

ZILENE DUARTE LUCENA

***(TIMIDEZ, INCERTEZA, PACIÊNCIA, DESAFIO, CONSTRUÇÃO,
RENOVAÇÃO)***

Boa Vista - Roraima

1992

SUMARIO

1 - INTRODUÇÃO

2 - DESENVOLVIMENTO

2.1 - Nossa História - O Processo de Mudança

2.2 - Fundamentação Teórica

2.3 - Um pouco da prática desenvolvida

2.3.1 - Junto aos alunos

2.3.2 - Auxílio da Biblioteca

2.3.3 - O trabalho do Agente de Saúde

2.3.4 - O trabalho junto aos Pais

2.4 - O Processo de Avaliação

3 - CONCLUSÃO

4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

Ao se apresentarem as práticas inovadoras, nós, professores de 1^o grau da Escola de Formação de Professores de Boa Vista, nos colocamos frente à seguinte questão: em que momento sentiu-se a necessidade de mudança

Na resposta a esta questão está vinculado todo o repensar coletivo e as ações desenvolvidas em conjunto na construção de um novo caminhar pedagógico, onde se busca operacionalizar a interdisciplinaridade do ensino como forma de tornar os educandos mais críticos.

O desafio da mudança é um fato que envolve toda a escola e o caminhar individual só se explica nesse contexto.

É por esta razão que divulgamos, nesta oportunidade, o trabalho que vem sendo desenvolvido, resgatando, resumidamente, a história de todo o processo que tem sido lento, sofrido, mas muito compensador pelos resultados que estão sendo apurados e que aqui apresentamos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 - Nossa História - O Processo de Mudança

A Escola de Formação de Professores de Boa Vista (E.F.P.B.V) iniciou, de forma mais efetiva em 1988, um caminhar no sentido de rever sua base teórica, repensar sua prática e mudar suas estratégias pedagógicas, objetivando a melhoria da qualidade de ensino.

Esse processo aconteceu a partir de três questionamentos básicos: que Escola temos e que Escola queremos? Qual o educador que formamos e como gostaríamos de formar? Que aluno temos e como o queremos?

O curso de Magistério, finalidade principal deste estabelecimento, vem sendo alvo de críticas e discussões em todo o Brasil. Busca-se redefinir o papel do educador na sociedade brasileira, onde cada vez mais se radicalizam as diferenças, contradições e os consequentes conflitos. Nesse contexto, urge que se formem educadores capazes de ler a realidade onde estão inseridos e se comprometam com os anseios daqueles a quem se destinam seus trabalhos, visando formar cidadãos críticos e capazes de agir e transformar essa realidade.

Dando passos na concretização das mudanças que se fazem necessárias, os profissionais da escola têm encontrado ajuda de profissionais de outras Unidades Federadas (Ceará, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul). Os trabalhos centram-se em três pontos básicos: a definição mais clara dos objetivos que norteiam o curso e mais amplamente a Escola; o estudo e as alternativas quanto a sua estruturação e funcionamento e a revisão da proposta curricular do curso de Magistério e do ensino de 1º grau que a Escola desenvolve.

Num primeiro momento, foram envolvidos apenas os professores do curso normal e, dois anos após, estendeu-se aos professores do 1º grau (alfabetização a 4ª série), no qual participamos, pela própria necessidade de uma correlação entre os dois cursos, visto este último, a partir daí, como escola de aplicação.

Alguns procedimentos foram fundamentais para a renovação do currículo da Escola. Dentre eles pudemos destacar:

- estudo e discussão das teorias pedagógicas que evidenciam essa postura transformadora;
- levantamento dos conteúdos desenvolvidos a partir da reflexão sobre o fazer e o pensar, levando o grupo à verificação da coerência entre o conteúdo ministrado e sua aplicabilidade no cotidiano;
- redescoberta do educador, suas limitações, posturas político-pedagógicas e resgate de seu papel enquanto compromisso x competência.

Na culminância desse trabalho foram feitos o planejamento global dos dois cursos, visto este como o direcionamento de todas as atividades a serem desenvolvidas visando o crescimento integral dos educandos.

Semanalmente nós, professores e técnicos, nos reunimos para estudos, discussão dos resultados, dissipação de dúvidas com o auxílio dos professores das didáticas e planejamento conjunto por séries. Cabe evidenciar a importância do planejamento integrado que estamos desenvolvendo, inicialmente por temáticas, posteriormente nas turmas de uma mesma série e atualmente também interséries.

Nós, professores, somos acompanhados pela equipe pedagógica, quanto à avaliação do trabalho, discussão dos rendimentos obtidos nos aspectos qualitativos e quantitativos, visando sempre o redimensionamento de novas práticas, superação de problemas e estímulo frente às dificuldades.

Cabe ainda evidenciar que o momento rico de entrosamento, criatividade e produção ora vivido é fruto de um processo lento e espinhoso. Foi preciso vencer muitas barreiras, desde a relação de

poder que havia entre os professores do 2º e do 1º grau, até nossa avaliação do repasse de experiências a partir da compreensão de que estas são válidas mesmos sem o devido conhecimento teórico. Muitas ações feitas para resgatar o valor do professor de 1º grau enquanto aquele que operacionaliza os postulados teóricos desenvolvidos no curso Magistério. Destacamos uma delas, onde se priorizou admitir no quadro de professores da Escola, nós, os recém-formados, que já correspondíamos às expectativas dessa proposta.

As práticas pedagógicas atuais poderão, nos anos vindouros, vir a ser modificadas radicalmente, quer pelo amadurecimento do grupo, quer por transformações e necessidades advindas da própria sociedade. Nesse momento, elas apenas refletem o caminho que percorremos e o amadurecimento obtido até o momento.

Há ainda muitos desafios a vencer. Um deles é suprimos as necessidades de um caminhar solitário nesse processo de mudança. Embora o trabalho que se desenvolve não seja inovador em nível nacional, em termos de Roraima tem caráter precursor.

Falta apoio efetivo por parte da Secretaria de Educação, Cultura e Desportos, quer em materiais didático-pedagógicos, quer em prioridades e abertura a inovações.

Em meio às dificuldades, a Escola vai abrindo suas portas a outras que se interessam pelo trabalho que desenvolvemos, como é caso da biblioteca, em especial da sala de leitura que tem procurado incentivar nos profissionais de outras escolas a necessidade e fundamental importância desta no caminhar pedagógico que a escola desenvolve; o trabalho do agente de saúde; o repassar de atividades pedagógicas do dia-a-dia da sala de aula, procurando despertar a curiosidade e a possibilidade de mudança.

2.2 - Fundamentação Teórica

Como já foi dito anteriormente, o processo de mudança no qual se empenha toda a equipe técnico-pedagógica da Escola de Formação de Professores de Boa Vista iniciou-se a partir de questionamentos que fizemos em relação à Escola, aos alunos, ao próprio processo ensino-aprendizagem.

Ficou claro, naquela oportunidade, que o ensino tradicional que estava sendo ministrado não atendia às expectativas de alunos e professores. Isto foi sentido pela evidência de que alunos e nós professores não éramos felizes na escola. Multiplicavam-se os problemas: de indisciplina, de desinteresse nas aulas, de relacionamento aluno-professor, evasão e repetência. A principal queixa dos alunos era de que não entendiam a utilidade dos conteúdos e a dos professores, era de que os educandos queriam receber tudo pronto, reproduziam textos de livros nas pesquisas, não sabiam interpretar e eram alienados.

Depois de levantadas todas as queixas, colocou-se a questão: - Como deveria ser? Nesse momento, verificou-se que a visão de mundo e educação dos profissionais desta Escola encontra ressonância na abordagem sócio-cultural de Paulo Freire:

"O homem não participará ativamente da história, da sociedade, da transformação da realidade, se não tiver condições de tomar consciência da realidade e, mais ainda, da sua própria capacidade de transformá-la.

É preciso que se faça, pois, desta tomada de consciência, o objetivo primeiro de toda a educação: provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação.

A educação se dá, enquanto processo, em um contexto que deve necessariamente ser levado em consideração." (p.94). Apud. MI-ZUKAMI, M^a - da Graça Nicoletti.

O desafio que se impõe a partir daí é mudar tudo o que vinha sendo feito. Necessário se faz conhecer melhor esse aluno: sua classe social, seu contexto sócio-cultural-familiar a fim de valorizar a visão que já tem da realidade, para ajudá-lo a conscientizar-se dela, ampliar seus conhecimentos e instrumentalizar-se para transformá-la. Muda também nossa postura de professor que antes planejava sozinho, agora planeja também com a ajuda dos alunos, uma vez que a problematização da realidade que nos envolve, direciona o que é significativo no aprendizado.

"A verdadeira educação, para Freire, consiste na educação problematizadora, que ajudará a superação da relação opressor-oprimido. A educação problematizadora ou conscientizadora, ao contrário da educação bancária, objetiva como meios de superar as contradições da educação bancária, e responde à essência de ser da consciência, que é a sua intencionalidade. A dialogicidade é a essência desta educação. Educador e educando são, portanto, sujeitos de um processo em que crescem juntos, porque" "...ninguém educa ninguém, ninguém se educa; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (FREIRE, Paulo. p. 63 e 97/98).

Portanto, muda a posição do aluno e do professor nesse processo. O aluno, de receptor passa a ser atuante e o professor de detentor do saber passa a construí-lo com os alunos através do diálogo, onde ensina e também aprende.

Quanto a questão: Como ensinar? nós entendemos que a interdisciplinaridade torna viável a operacionalização desta proposta renovadora de ensino.

Partindo da exploração do meio onde vivem os alunos, através dos trabalhos de campo, integrar as quatro disciplinas para problematizá-lo, interpretá-lo e apreender o conteúdo das ciências.

orno bem enfatiza Francisco dos Santos Gonçalves:

"Nesta nova perspectiva a atitude passiva do aluno que repete, memoriza e aprende o que está pronto e acabado é substituída pela busca do saber intimamente vinculado com as suas experiências vividas e sentidas no dia-a-dia. Dessa forma ele passa a participar ativamente das aulas e a perceber os significados dos exercícios e atividades escolares, apropriando-se dos conteúdos básicos para vencer as barreiras da aprendizagem." (pág. 192)

2.3 - Um pouco da prática desenvolvida 2.3.1 -

Junto aos alunos:

Uma das atividades desenvolvidas pelas turmas de 3ª série, foi a visita a Feira do Produtor.

Partindo dessa visita que fizemos à feira do produtor, foram feitas várias atividades que proporcionaram uma aprendizagem mais dinâmica, criativa e motivadora.

Como foi feita a atividade?

Na sala de aula os alunos foram divididos em grupos e as tarefas foram divididas entre os grupos.

Depois que as atividades foram divididas em grupos, fomos para a feira.

Assim que chegamos, cada aluno se preocupou em desempenhar sua tarefa. Eu percebia que eles estavam muito entusiasmados com tudo que viam e ouviam.

Durante a pesquisa os alunos entrevistaram os feirantes e levantaram as seguintes questões:

- produtos cultivados no Estado?
- local de onde os feirantes vieram?
- como os feirantes chegavam a feira?
- dificuldades encontradas pelos feirantes?
- produtos que são mais vendidos?
- se o governo oferece ajuda para os feirantes e que tipo de ajuda recebem?
- o que ganham dá para sustentar a família?
- condições do prédio (higiene e reforma).
- lista dos preços dos produtos encontrados na feira.

- quais os produtos de origem animal encontrados na feira?

Após o término da pesquisa, voltamos para a escola.

Na sala de aula a euforia foi grande, pois cada um queria falar sobre as coisas que viram e ouviram durante a visita.

Organizamos novamente os grupos, para que cada um apresentasse os resultados da pesquisa, medida que os grupos iam se apresentando, várias perguntas iam surgindo, e as dúvidas eram devolvidas para a turma, as quais deveriam ser debatidas novamente, até que os alunos tivessem um conhecimento formado sobre o assunto.

Após a apresentação dos grupos, foram formados vários painéis.

Painel com os resultados da pesquisa, (em anexo)

Painel dos produtos que eram vendidos na feira, sendo que cada produto foi classificado de acordo com sua origem e sua composição química.

Os alunos puderam observar que havia na feira produtos industrializados, o que também foi explorado.

Os alunos trouxeram rótulos de alguns produtos industrializados consumidos pelos seus familiares.

Foram organizados painéis com os rótulos, (em anexo)

Também foram montadas pelos alunos tabelas dos preços dos produtos vendidos na feira e a partir desta tabela foram construídas várias situações-problema, que tornaram a matemática mais dinâmica, (em anexo)

Exemplos:

a) Tia Edlamar comprou 1 melancia por Cr\$ 1.500,00, 1 dúzia de laranjas por Cr\$ 1.500,00 e 1 pé-de-moleque por Cr\$ 1.500,00. Quantos cruzeiros Tia Edlamar gastou?

b) Dayana levou para feira Cr\$ 3.450,00 e gastou Cr\$ 2.300,00. Com quantos cruzeiros Dayana ficou?

Tabela
de

Preços



- melancia 500
- farinha 1500
- rapadura 400
- laranja 1000
- banana 900
- maizão 500
- couve-moaça : 2.500
- couve : 2000
- abacaxi : 500
- Crucifixo 4000

TABELA DE Preços

Nome: Sidney

Patê	R\$ 500
Doce	R\$ 800
Doce	R\$ 500
Doce	R\$ 500
Um Prato	R\$ 3.000
Doce	R\$ 1.300
Abacaxi	R\$ 1.300 K
Doce	R\$ 1.000
macaxeira	R\$ 5.000 K
Rapadura	R\$ 1.000
Costa-moaça	R\$ 1.000
Doce	R\$ 1.500
Melancia	R\$ 500 unidades
Doce	R\$ 300
Doce	R\$ 300
Doce	R\$ 500
Doce	R\$ 1.500

PARTICIPAÇÃO
VERILÉIA JAULA
CARLA T. Macedo

Nestlé
NINHO

Leite em pó integral

Peso Líquido 1000 g

NEVE 500g PAGUE 400g

Nestlé
Farinha Láctea - F-Força no mingau.
ADICIONADA DE VITAMINAS E SAIS MINERAIS
Preparo Instantâneo
PESO LÍQ. 500g

Campeiro
RECOMENDAÇÕES IMPORTANTES

Pinho Sol
NOVO

Nestlé
NESCAU
ENERGIA QUE DÁ GOSTO

Instantâneo
Com vitaminas

PESO LÍQ. 500g
ALIMENTO ACHOCOLADO EM PÓ

Nestlé
NESCAU
ENERGIA QUE DÁ GOSTO

Instantâneo
Com vitaminas

PESO LÍQ. 500g
ALIMENTO ACHOCOLADO EM PÓ

Capacidade máxima copo 200ml

NESCAU é um alimento altamente nutritivo e rico em cálcio e vitaminas. Possui uma grande quantidade de energia, açúcar e muito pouco gordura, sendo indicado para crianças. Adicione 2 colheres de chá de leite quente para cada colher de Nescau. Adoce a gosto e prove.

Preparação: Adicione 1 colher de chá de Nescau para cada xícara de água quente, misture bem e prove.

7 631000 370902

REFRESCO FRESH
VELAS

RIO
VELAS

ÁGUA SANITÁRIA
goboo
ALVEJANTE DESINFETANTE

SUPER

CONTEUDO 1.000 ml

Partiu dos alunos a curiosidade em saber o que se pode comprar com o salário-mínimo.

Então montamos uma lista dos produtos da cesta básica com seus respectivos preços. Quando somamos, os alunos perceberam que o salário mínimo que é pago aos trabalhadores não é suficiente para sustentar uma família.

Foi bastante trabalhada, a realidade social de nosso país.

Outras situações-problema foram construídas a partir da lista.

Exemplos:

c) Um operário que ganha Cr\$ 98.000,00 precisaria no mínimo de Cr\$ 500.000,00 para dar o necessário para sua família. Quantos cruzeiros a mais este operário precisaria ganhar para que seu salário chegasse a Cr\$ 500.000,00?

Após o término das atividades acima citadas, voltamos novamente a utilizar os resultados da pesquisa.

Desse passeio, surgiram muitas idéias e uma delas realizamos, que foi a atividade da salada de frutas.

De início montamos a receita da salada de frutas, o que proporcionou o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Depois que montamos a receita, classificamos os ingredientes da receita quanto a sua origem e sua composição química.

Em seguida pedi aos alunos que trouxessem frutas regionais para preparar a salada de frutas.

Convidei os alunos para participarem da preparação da salada de frutas.

Todos os alunos participaram, os meninos descascavam as frutas e as meninas cortavam-nas em pedacinhos.

A medida que íamos cortando as frutas, os alunos iam fazendo a contagem.

Foram criadas várias situações-problema a partir das situações vividas pelos alunos.

No final destas atividades foi construído um texto coletivo que possibilitou o uso da classe gramatical que estava sendo estudada, como também o desenvolvimento das atividades ortográficas apresentadas pelos alunos.

A medida que íamos estudando, foi possível ampliar os conhecimentos sobre as atividades produtivas de Roraima.

Texto Coletivo:

A SALADA DE FRUTAS

Hoje fizemos uma salada com a professora. A primeira coisa que fizemos foi lavar as mãos, pois é importante ter as mãos limpas antes de pegar nos alimentos.

*Depois os meninos descascaram as frutas e as meninas cortavam as frutas em pedacinhos. Tinha muitas frutas, entre elas, **laranja, banana, abacaxi e mamão**. Assim que terminamos de cortar as frutas, a Tia misturou as frutas com creme de leite, leite condensado, água e açúcar.*

Depois de alguns minutos a salada de frutas ficou pronta e todos comeram satisfeitos.

Hoje a aula foi legal.

Autores: alunos da 3³ série.

(Fotografias em anexo)





Através de muito diálogo organizamos as idéias e os resultados das pesquisas, que nos levaram a construir textos coletivos.

PECUÁRIA DO ESTADO DE RORAIMA

*A pecuária é uma criação de animais, como: **boi, vaca, ovelha, cavalo, porco, aves, etc.***

*A pecuária nos fornece: **leite, carne, queijo, manteiga, bolsas, calçados, cintos e etc.***

Em Roraima a pecuária é mais desenvolvida na região de Campos Gerais, tendo como principais raças de gado: nelore e zebu.

*A pecuária de Roraima é formada de rebanhos de **suínos, equinos, ovinos, caprinos, bovinos** e etc. Destes rebanhos o mais desenvolvido é o rebanho bovino.*

O rebanho de bovinos é o que dá maior resultado financeiro para o Estado.

O município de Normandia é uma das áreas onde há maior concentração de propriedades rurais e também grandes fazendeiros.

Nas colônias do Surrão, Cantá, Serra Grande e Confiança se desenvolve a pecuária.

Autores (alunos da 3- série)

AGRICULTURA DE RORAIMA

A agricultura de Roraima é desenvolvida nas colônias e nos municípios.

Os feirantes enfrentam várias dificuldades que dificultam a agricultura do Estado.

Fatores que prejudicam o crescimento da agricultura:

- *estradas deficientes;*

- falta de dinheiro;
- falta de transportes;
- solo não adequado para a agricultura;
- falta de apoio do governo.

*Apesar das dificuldades, a maioria do feirantes trazem seus produtos (**arroz, feijão, banana, verduras, farinha e etc**) nos caminhões do governo, mas a dificuldade é grande pois há somente três caminhões para servir doze colônias.*

Muitas vezes a maioria desse produtos chegam estragados, principalmente as verduras, os legumes e as frutas.

Autores (alunos da 3ª série)

Foi construído também um texto coletivo que relata as experiências vividas pelos alunos no passeio, proporcionando o desenvolvimento de atividades de linguagem com leitura, escrita, uso de substantivos e etc.

A VISITA A FEIRA DO PRODUTOR

Resolvemos fazer um passeio na feira do produtor para conhecermos os produtos que são cultivados em Roraima.

Dividimos a turma em sete grupos de cinco pessoas.

Discutimos sobre as tarefas de cada grupo.

Depois do recreio organizamos a turma em fila e fomos para a feira com a 3ª série da outra Tia.

No caminho passamos pela praça dos Estudantes, por uma lanchonete e pelo Ginásio de Esporte Hélio Campos.

A feira estava muita movimentada, havia muitas pessoas comprando.

Mas a higiene do prédio estava em péssimas condições, pois havia poças de lama, galinha morta e o banheiro tinha um forte cheiro.

De início só observamos, depois fizemos as atividades que combinamos na sala de aula. —

Ao terminamos as atividades nos juntamos e formamos a fila, quando de repente começou a chover.

Esperamos a chuva passar num beco que havia lá na feira.

Assim que a chuva passou formamos novamente a fila, para que a Tia contasse os alunos.

Depois de muitos sustos voltamos para a Escola.

Autores: (alunos da 3- série)

OBJETIVOS: (experiência interdisciplinar, junto às 2- Séries)

- Despertar a curiosidade, o espírito de observação e reflexão sobre os fatos ocorridos no formigueiro.
- Estabelecer relações entre a sociedade dos homens e das formigas, criando um clima de cooperação e solidariedade no grupo.
- Desenvolver o raciocínio em cima de situações-problema.
- Desenvolver linguagem oral e escrita.

Como:

- Através de brincadeiras (*forca*)* levamos os alunos a descobrir o tema a ser estudado: formiga.
- Conversa dirigida sobre a vida das formigas:
- Quem já viu um formigueiro?
- Todas as formigas são iguais?
- Quais as diferenças?
- Vocês sabem que no formigueiro cada formiga tem uma função?
- Cópia e compreensão do texto "Uma idéia Brilhante".
- Pedimos aos alunos que classificassem o tamanduá e a formiga em ser vivo ou sem vida. Depois os alunos fizeram um passeio pelo pátio da escola classificando através de fichas, o que encontravam como ser vivo ou ser sem vida.

***Brincadeira (Forca)**

Desenha-se, uma forca no quadro e ao lado coloca-se um tracinho para cada letra da palavra secreta.

Os alunos vão dizendo letras do alfabeto, se acertarem a letra, põe-se no tracinho correspondente da palavra e quando erram coloca-se na forca uma parte correspondente do corpo humano.

Termina o jogo quando os alunos acertam a palavra secreta, ou quando todas as partes do corpo estiverem na forca.

A partir de experiências e leitura de um texto informativo elaboramos um texto coletivo.

As formigas

As formigas vivem em comunidade, que é o formigueiro.

Na comunidade das formigas todos trabalham em grupo, ajudam-se uns aos outros. Para dar conta das tarefas do formigueiro, as formigas dividem-se em funções: tem a rainha, os machos e as operárias, que são os soldados, as caçadoras e coletoras.

As formigas se comunicam através do tato e do olfato. É assim que elas percebem quando uma formiga faz ou não parte da comunidade. Se a formiga não fizer parte ela é morta.

Relacionamos a sociedade dos homens com a das formigas:

Sociedade das Formigas	Sociedade dos Homens
<p>As formigas são divididas em operárias, as rainhas trabalham no ninho e os machos não comem no ninho.</p>	<p>É organizado pelas leis que temos que obedecer. Masos para trabalhar fora no mundo. Mas tem pessoas que não trabalham, pois não tem emprego e ficam em casa no motor de um carro.</p>

Observamos uma formiga no microscópio para identificar as partes de seu corpo. Depois saímos para fazer uma coleta de bichinhos que tivessem as mesmas características da formiga. Quando voltamos à sala enumeramos em um cartaz as principais características daqueles bichinhos e então chegamos à conclusão de que todos faziam parte da família dos insetos.

Coleta das características dos insetos:

- 2 antenas na boca
- 6 patas
- 2 olhos

construção do Formigueiro
orne: Roosivelt

RELATÓRIO Nº 02

(10)

TÍTULO: formigueiro

MATERIAL: Vidro

14 formigas - apícar - tela fina ou filó -
papel preto - barbante - areia umi-
dida

PROCEDIMENTO: Colocar a areia no vidro,
depois colocar as formigas dentro
juntamente com o apícar, tapar o
vidro e cobri-lo com papel preto.
Depois observar o que acontece.

O QUE ACONTECEU? as formigas fizeram uns
caminhos.

POR QUE ACONTECEU? porque elas precisaram peg
comida que estava na superfície.

Roosivelt.

- corpo dividido: cabeça, tórax e abdome.
- Põe ovos.

Exercício globalizado

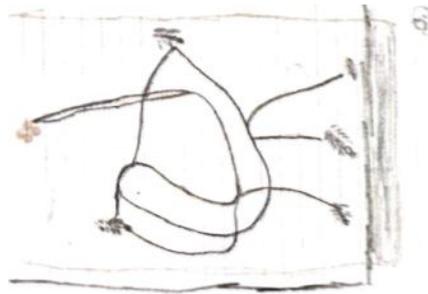
1º) Dê o antônimo das características das formigas:

FORMIGA
- trabalhadora
- pequenas
- amigas
- organizadas

2º) Na briga de dois formigueiros de espécies diferentes, entraram em guerra 360 formigas vermelhas e 483 formigas pretas.

- Quantas formigas entraram em guerra?
- Se morreram 128 formigas vermelhas, quantas sobreviveram?
- Se sobreviveram 91 formigas pretas, quantas morreram?
- Quantas formigas entre pretas e vermelhas restaram?

3º) Faça o desenho do formigueiro construído em sala de aula



4º) Pesquisa:

Procure saber se em sua comunidade existe Associação de Moradores e para que serve.

Tem. A AMOCA. Para tratar dos problemas do bairro, como por exemplo: iluminação pública, os roubos, os buracos e os cachorros na rua.

- Alice -

Uma experiência interdisciplinar foi desenvolvida nas 1ª séries, como podemos observar no que se segue:

OBJETIVO

- Dar oportunidade para que os alunos demonstrem curiosidade diante dos conteúdos a serem estudados, para que saibam diferenciar os seres (vivos e sem vida) e suas características;

- Levar o grupo a relacionar os seres que vivem no solo e na água e apontar diferenças entre esses:

homem X planta

animal X homem

planta X animal

- Levá-los a observar como eles se ajudam e o que é preciso fazer para preservá-los;

- Conhecer e identificar:

- Números - 0 a 50
- Dezena

CONTEÚDO

- Seres que ocupam a Terra:

- Características
- Diferenças

- Números - 0 a 50

- Dezena

- Leitura e escrita

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

Pedi aos alunos que observassem tudo o que tinha na sala de aula depois perguntei se dentro da sala existia algum ser vivo.

R. *Sim, nós, tia*

. Só nós? dêem outra olhada, será que não existe nenhum outro ser vivo?

. Muito bem, agora vamos dar um passeio lá fora para observar as pessoas, as plantas e procurar outros seres vivos.

. Como sabemos que um ser tem vida? (deixar os alunos falarem reforçando suas respostas)

R. *Ele anda, ele come, ele nasce, cresce, morre, tem filhos.*

. O que o ser vivo tem e precisa ter, que o ser sem vida não tem?

R. *Vida*

. Agora vamos ver: lá vai um cachorro, ele é um ser vivo? E essas borboletas, esses besourinhos, as abelhas, as cabras, que tipo de seres são?

R. *Vivos*

. Vamos pegar e levar alguns desses bichinhos para a sala.

NA SALA

. Coloquei na frente:

- 1 menino
- 1 planta
- 1 besouro
- 1 foto de um cachorro

Vocês falaram que os seres vivos andam, comem, crescem, morrem e tem filhos.

Vamos ver. Todos eles tem vida, mas são diferentes, vamos ver quem descobre essas diferenças.

Seres Vivos	Anda	Voa	Não Anda	Cresce	Nasce	Morre	Tem filhos
O menino	X			X	X	X	X
A planta			X	X	X	X	X
O besouro		X		X	X	X	X
O cachorro	X			X	X	X	X

Então vamos colocar em ordem.

Os **seres vivos** nascem, crescem, tem filhos, envelhecem e morrem.

Agora que vocês já sabem o que é um ser vivo, digam-me: o que é um ser sem vida?

R. *É um ser que não tem vida, ele não cresce, não nasce.*

Digam-me o que há aqui na sala que são seres sem vida?

R? *mesa, carteiras, cadernos, lápis, borracha...*

Vamos ver como os seres vivos podem ajudar uns aos outros e suas características:

Homem:

- precisa dos outros homens;
- precisa das plantas;
- precisa dos animais;
- nasce, cresce, tem filhos;
- envelhece e morre;
- precisa da natureza limpa.

Animal:

- alguns precisam dos homens;
- precisam dos outros animais;
- precisam também da natureza bem tratada.

Planta

- Precisa do homem;
- não anda, não se defende;
- precisa da natureza limpa.

Quando estudamos as diferenças e semelhanças entre os seres vivos; onde pode ajudar o outro (de certa forma se falar da preservação dos seres e do meio ambiente.). O homem precisa preservar a natureza, porém não esquecendo de preservá-lo também, e em primeiro lugar.

Fomos dar um passeio no rio para observarmos a natureza.



As partes da planta.

Depois de estudada cada parte da planta é feito um pequeno texto, fizemos uma pesquisa sobre as plantas que o homem precisa cuidar com mais carinho, pois nelas ele encontra alimentos e remédios.

Raiz Folhas Sementes Frutos Caule Flor Remédios



Da yara



raiz e a parte da planta
que fica dentro da terra
serve para segurar e
alimentar a planta.

é o que se chama de raiz e serve para segurar
de alimentos.



Batata de
macalé e a batata de
macalé

As plantas também são importantes para a alimentação dos animais.

Desenhe e escreva sobre seu bichinho de estimação. Se não tiver, desenhar e escrever sobre o bichinho que gostaria de ter.



Animal	Doméstico	Selvagem	Tem penas	Tem pelos	Nasce de ovos	É mamífero	Tem escamas	Voaz	Tem pernas	Nada	Vive na água	Vive no solo
macaco 		X		X		X						X
cachorro 	X			X		X						X
peixe 		X			X		X			X	X	
gato 	X			X		X						X
cobra 		X			X		X			X	X	
pássaro 		X		X	X			X	X			

Observando os tipos de árvores na escola, classificamos por espécie, objetivando estudar quantidade, dezena e unidade.

Os alunos foram separados em grupos, para pesquisarem quantas árvores de cada tipo existem na escola.

Cada grupo conta um tipo de árvore.

Escrevi no quadro os grupos.

grupo 1 - pés de dão;

grupo 2 - pés de caju;

grupo 3 - pés de goiaba;

grupo 4 - pés de coco.

Para cada pé de árvore contado o aluno separa um canudinho.

Terminada a pesquisa, escrevi no quadro o resultado:

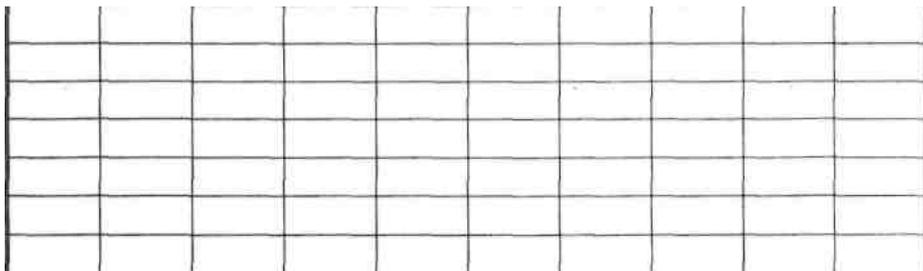
grupo 1 - 92 pés de dão;

grupo 2 - 56 pés de caju;

grupo 3 - 49 pés de goiaba;

grupo 4 - 32 pés de coco.

Observando o resultado da pesquisa que foi escrito no quadro, desenhei um quadro no chão e dividi em pequenos quadradinhos.



Depois juntos, alunos e professores, contamos e numeramos cada quadrinho.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70

Vamos representar no quadro o resultado da pesquisa do nº 4, que contou 32 pés de côco.

Para cada pé de côco, nós vamos pegar um canudinho e colocá-lo no quadrinho correspondente, até acabar os 32 canudinhos.

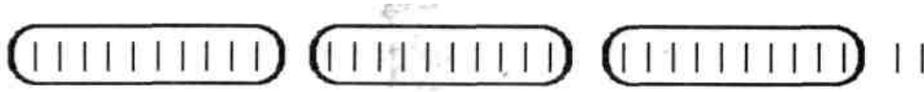
Após termos colocado os canudinhos no quadro pedi para o aluno contar. Após contar os dez canudinhos, deveria separá-los para formar um montinho. Um montinho tem 10 canudinhos e um montinho é igual a uma dezena. Se não der ao formar um montinho eles ficam soltos.

1 dezena = 1 montinho = 10 unidades •

Explicando no quadro de giz.

Copiei no quadro:

Com os canudinhos desenhados no quadro vamos formar montinhos.



3 montinhos e 2 soltos. 3

dezenas e 2 unidades.

2.3.2 -Auxílio da Biblioteca

À medida que a Escola se define, juntos definem-se alguns setores que vêm contribuir para a eficácia desta nova metodologia-

A biblioteca atua de forma integrada a todas as atividades da escola.

Entendendo o ato de ler como sendo um processo cultural de criação, ampliação e transformação do conhecimento humano, oferece importante suporte ao desenvolvimento de programas pedagógicos, à atualização de docentes e à melhoria das condições e da qualidade do ensino.

Dentre as atividades que os bibliotecários desenvolvem, destacam-se as seguintes:

- contam histórias aos alunos da alfabetização até 2- série, através de teatrinhos de bonecos;

- incentivam os alunos a também contarem suas histórias;

- oportunizam a que os alunos ouçam histórias gravadas com auxílio de fitas cassete e gravador, emprestados por alunos de outras séries que apoiam o trabalho dos bibliotecários;

- mantêm papéis doados por outros órgãos à disposição de alunos que queiram expor suas emoções e criações;

- incentivam a leitura oferecendo como prêmio aos que atingem o índice de empréstimo de 30 livros, um lanche preparado pela cantina da escola;

- oferecem atividades de lazer (jogos de dama, quebra-cabeças, bingo, trilha, memória e outros) para atrair os estudantes para a biblioteca;

- acompanham os trabalhos de estudos e pesquisas dos estudantes;

- realizam atividades de classificação e catalogação de livros que facilitam o controle e a consulta;

- emprestam livros e controlam sua devolução;

- fazem serviços de levantamento de dados e confecção de estatísticas que favorecem a avaliação de todo o processo.

Além dessas atividades criaram ainda:

- a sala de leitura, provida de livros de literatura infanto-juvenil e instrumentalizada para oferecer aconchego físico e visual, com a finalidade de despertar o gosto pela leitura;

- a figura dos bibliotecários-mirins que são estudantes, leitores assíduos, que se dispõem a realizar pequenos trabalhos nas horas de grande movimento (entrada, recreio, saída) e que não prejudicam seus estudos.

Está ainda a cargo da biblioteca da escola o treinamento de bibliotecários e auxiliares provenientes de outras escolas da rede pública e privada.

Seus recursos humanos contam com seis professores e dois agentes administrativos, distribuídos em três turnos ininterruptos. Permanece aberta de segunda a sexta-feira, das 7h30min às 23h, atendendo mesmo nas férias, quando na escola funciona o Curso Normal Parcelado.

Esse trabalho tem contribuído no dia-a-dia desse nosso fazer pedagógico, à medida que reforça o processo dinâmico de integração, levando as crianças a perceberem que aprender se dá em todos os momentos.

2.3.3 - O trabalho do Agente de Saúde

Partindo da premissa que educação e saúde têm uma e treita relação, o trabalho do agente de saúde tem buscado uma séria reflexão.

No trabalho do dia-a-dia escolar tem desenvolvido algumas ações que relacionamos abaixo:

- incentivo aos hábitos de higiene, organização do vestuário, pediculose;

- assessoria e incentivo à organização da merenda escolar, procurando evidenciar a cada criança sua importância e necessidade;

- controle e assessoria aos pais no referente a alunos com problemas visuais, auditivos, nutricionais;

- incentivo à medicina caseira, auxiliando os professores na organização de painéis, apostilas e informações sobre o assunto;

- apoio ao trabalho da horta escolar evidenciando o hábito do uso de verduras na merenda escolar; a organização de conteúdos medicinais; desenvolvimento de jardinagem;

- promoção de campanhas como: "Mutirão de limpeza", "Guarde o lixo no lixo", "Organização de fila", etc...

Esse trabalho tem sido básico, à medida que, possibilita um encadeamento de conceitos que vimos desenvolvendo em sala de aula e que se refletem na escola como um todo.

2.3.4 - O Trabalho junto aos pais

Este é um dos pontos em que o processo tem se dado de forma mais lenta.

Nossa escola está situada num bairro onde a área circunvizinha é composta por órgãos institucionais. Portanto, a clientela que compõe a Escola se origina de bairros próximos ou de crianças advindas de pontos distantes, por não conseguirem vagas em escolas próximas, ou por não terem sido aceitas por indisciplina e/ou reprovação.

O trabalho com a comunidade vem partindo dos seguintes objetivos:

- propiciar aos pais um convívio saudável, fazendo da escola um lugar de troca de idéias, sugestões e acima de tudo informações;

- estimular a vinda dos pais à Escola, levando-os a perceber a importância de sua participação em atividades da Escola e no acesso a sala de aula;

- possibilitar nas reuniões não só momentos de verificação de resultados, mas também momentos de estudo, reflexão, discussão e análise do dia-a-dia em sala de aula e acesso a essa nova proposta pedagógica.

Para que esses propósitos venham a acontecer, começamos a envolver os pais nas festividades que a Escola promove como: Dia das Mães; Páscoa; Dia dos Pais, da criança; manhãs de lazer; mutirão de limpeza; festa folclórica; formatura; aniversário; etc...

Temos realizado reuniões em pequenos grupos (por turma e/ou séries), procuramos ler e discutir textos que referendem a metodologia desenvolvida, levando-os a discutir e explicitar esse trabalho. Esse processo tem trazido um maior envolvimento dos pais à medida que as interrogações e os depoimentos têm crescido acentuadamente.

Parece óbvio ser um primeiro passo para a efetivação de uma organização de pais e mestres que será ponto culminante, à me-

dida que se constituir em parte atuante na administração da escola.
Estamos a passos lentos, mas essa discussão já se faz presente.

2.4 - O Processo de Avaliação

Com essa nova metodologia foi preciso repassar o processo de avaliação.

Como integrar os conteúdos nas provas e trabalhos?

Trabalhando com o ensino globalizado e inter-relacionado, como é o caso em nossa proposta, mais adequado seria que o processo de avaliação fosse feito através de relatórios e conceitos. No entanto, o sistema nos cobra metas e ainda individualizadas por disciplinas. Sendo assim, foi preciso refletir e organizar uma forma de avaliação que contemplasse tanto nossa maneira de trabalhar, quanto o atendimento às normas legais exigidas.

Nesta perspectiva, passamos a incentivar os trabalhos grupais e buscamos na elaboração das provas retratar com maior realidade possível o dia da sala de aula.

As provas, ao elaborarmos procuramos fazê-las com um significado e não como processo avaliativo que vem evidenciar os erros. Utilizamos constantemente diálogos (pequenos recados) que permitem ao aluno se transportar para o momento em que esta atividade foi realizada.

Buscamos com isso realizar a retomada dos conteúdos como um processo diário de aprendizagem, fazendo com que os alunos não sintam temor, mas sim que vejam estes momentos como um processo de síntese e análise do que foi apreendido.

Avaliação, nesta postura, consiste em integrar, analisar e sintetizar trabalhos realizados, de modo a que os alunos consigam expressar o conteúdo apreendido de forma livre, crítica, criativa e correlacionada com a realidade.

AVALIÇÃO DO 1º Bimestre de Maio

Aluno(a): Marcelo Augusto Bezerra.....

Adidas Notas:

Português: $44 + 06 + 20 = 70$

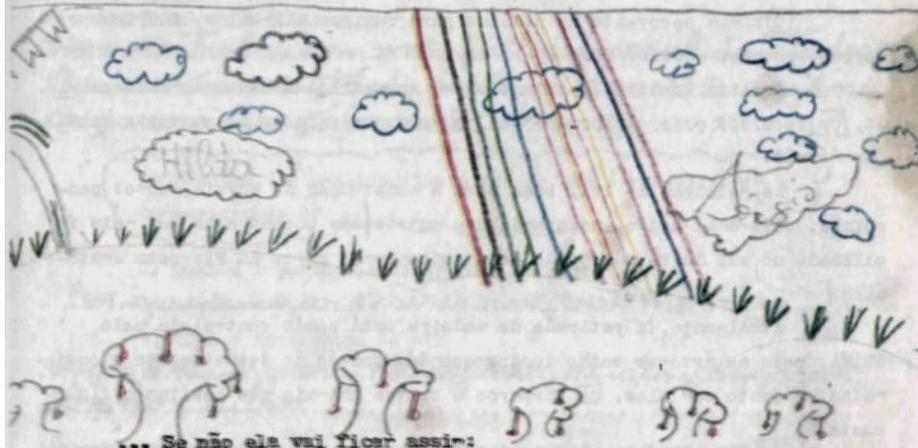
Matemática: 96

Ciências: $75 + 25 = 100$

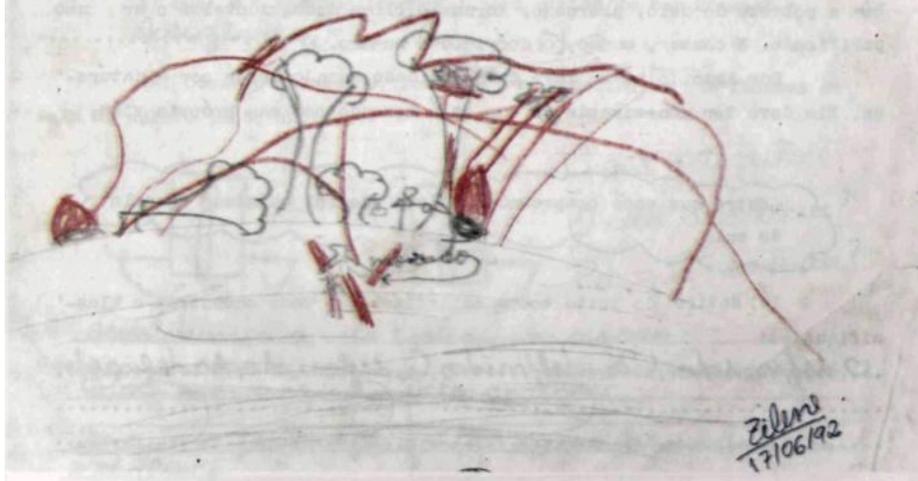
Est. Sociais: $48 + 25 = 73$

Dezêmba:

Devem conservar a natureza assim...



... Se não ela vai ficar assim...



Zilma
17/06/92

Escola de Formação de Professores
Boa Vista, 26 de maio de 1982.....
Professora: Zilene.....
Série: 3ª Turma: 31.
Aluno(a): Kennedy Araújo Barreto

Vamos ler com atenção o nosso textinho.

Texto coletivo:
I parte: O Homem Explorando a Natureza

O homem aproveita as plantas para retirar alimentos, fabricar remédios, roupas, móveis, etc...

Aqui em Boraira, o extrativismo vegetal já é bastante desenvolvido. Os recursos mais explorados são os recursos para se alimentar e fabricar móveis.

As madeiras de lei, boas para a construção de móveis, como: pau-rainha, caferana, cedro, maçaranduba e outras são encontradas com mais facilidade no sul do Estado, onde está concentrada parte da Floresta Amazônica.

Atualmente, a retirada de madeira está sendo controlada pelo IBAMA, pois as árvores estão desaparecendo através do desmatamento e queimadas. E junto com elas, os pássaros e outros animais que habitam a floresta.

Os desmatamentos, as queimadas sem controle podem provocar também a pobreza do solo, erosão, tornar o clima desagradável e o ar não purificado. E causar, então, sofrimento humano.

Por isso, o homem deve tomar cuidado quando mexer com a natureza. Ele deve ter consciência de que está mexendo com sua própria vida.

Mostre que você compreendeu tudo o que foi estudado em sala de aula.

12) Retire do texto todos os artigos que você encontrar e classifique-os:
O definido, Os definidos, A definido, As definidos

2º) Usando palavras do texto escreva uma frase exclamativa e outra interrogativa:

... A natureza é bonita?
.. Por isso não é poluída?

3º) Leia o texto, pense e responda:

a) De que maneira o homem realiza o extrativismo vegetal?

Aqui em Roraima o extrativismo vegetal já é bastante desenvolvido.....

b) Onde são encontradas com mais facilidade as madeiras de lei ' em nosso Estado? Dê 3 exemplos:

São encontradas com mais facilidade no sul do Estado. Onde está concentrada parte da floresta amazônica, pau-rosa, acaju e cedro.....

As plantas têm uma importante função que é reequilibrar a composição do ar.

d) Qual a importância do ar para os seres vivos?

Por que sem ar os seres vivos não morrem.....

e) Qual a composição do ar?

Vapor d'água, oxigênio, nitrogênio, oxigênio e gás carbônico e outros.....

f) Qual é o gás indispensável para a vida do ser humano?

Oxigênio.....

4º) Observe o desenho, lembre-se da experiência que fizemos em sala de aula e tente explicar:



O que foi feito?
O que aconteceu?
Por que aconteceu?

Acendemos a vela e colocamos o copo
Colocamos o copo e a vela apagou.
Por que a vela apagou? Por que o fogo precisa do oxigênio.

5º) Complete corretamente:

a) O gás carbônico apaga as chamas e é indispensável para a sobrevivência das plantas.

b) O vento é o ar em movimento.

6º) Diga 2 utilidades do vento:

Move moinhos e as barcas a vela

7º) Fale sobre a importância da preservação da natureza e depois faça um desenho na capa de sua avaliação:

A natureza da mnta é a para a ^{vida} humana.

A cada dia o homem vem destruindo a natureza para satisfazer seus desejos.

8º) Imagine e escreva a história de uma árvore que acabou sendo transformada em uma mesa:

Na natureza ele usavam muitas árvores a primeira árvore foi usada pelo José Damasceno malhado e ele fez muitas mesas. fim

Você poderia ter escrito mais.

99) Coloque as palavras abaixo em ordem alfabética e dê uma qualidade para cada uma delas:

	Ordem alfabética	Qualidades
a) natureza	animais	feios
b) animais	madeira	bons
c) madeira	natureza	bonita
d) vida	plantas	esverdeadas
e) plantas	vida	boa

100) Cite uma profissão em que o homem trabalha diretamente com a natureza:

..... guarda florestal

110) Pontue corretamente as frases:

a) O aluno disse:

Eu quero ser dentista.

b) Tia Zilene, Edimar e Sêmara são professoras.

Ninguém vive só. Um depende do trabalho do outro.

120) Comente sobre a situação do trabalhador hoje:

Estão ganhando pouco e não têm dinheiro para comprar coisas.

130) Comente sobre o trabalho dos escravos antigamente:

Em minérios e em fábricas de cana de açúcar.

140) Fale sobre a atual situação dos negros no Brasil:

Estão discriminados.

15º) Escreva as frases que a professora ditar:

A união faz a força CF
 Um trabalhador depende do outro C
 Os trabalhadores se unem para tomar decisões CF
 em suas atividades CF
 Vamos preservar a natureza CF
 Deus é indispensável para a vida dos seres vivos CF

16º) Vamos, com muita atenção, resolver estas probleminhas:

a) Um navio negreiro saiu da África com 2.460 escravos. Durante a viagem, foram jogados ao mar 121 negros. Quantos escravos chegaram ao Brasil?

Solução	Cálculo	Resposta
$2.460 - 121 = 2339$	$\begin{array}{r} 2460 \\ - 121 \\ \hline 2339 \end{array}$	<p>Chegaram ao Brasil</p> <p><u>2339 escravos</u></p>

b) Uma indústria madeireira derruba por dia 61 árvores. Quantas árvores essa indústria madeireira derrubará em 3 dias?

Solução	Cálculo	Resposta
$61 + 61 + 61 = 183$	$\begin{array}{r} 61 \\ + 61 \\ + 61 \\ \hline 183 \end{array}$	<p>Em 3 dias a indústria madeireira derrubará</p> <p><u>183 árvores</u></p>

c) Um grupo de pessoas está trabalhando no reflorestamento de seu município. Pela manhã, eles plantaram 52 mudas de árvores e à tarde plantaram mais ~~52~~ 68 mudas. Quantas mudas de árvores foram plantadas neste dia?

Solução	Cálculo	Resposta
$52 + 68 = 120$	$\begin{array}{r} 52 \\ + 68 \\ \hline 120 \end{array}$	<p>Neste dia foram plantadas</p> <p><u>120 mudas de árvores</u></p>

d) Em um sindicato havia 1.342 trabalhadores associados. Hoje esse número dobrou. Quantos associados tem hoje no sindicato?

Solução	Cálculo	resposta
$1.342 + 1.342 = 2.684$	$\begin{array}{r} 1.342 \\ + 1.342 \\ \hline 2.684 \end{array}$	<p><u>Hoje no sindicato</u> <u>tem 2.684 associa-</u> <u>dos</u></p>

17ª) Arrme e efetue as multiplicações:

- a) $240 \times 2 =$ $\begin{array}{r} 240 \\ \times 2 \\ \hline 480 \end{array}$
- b) $351 \times 2 =$ $\begin{array}{r} 351 \\ \times 2 \\ \hline 702 \end{array}$
- c) $238 \times 3 =$ $\begin{array}{r} 238 \\ \times 3 \\ \hline 714 \end{array}$
- d) $124 \times 3 =$ $\begin{array}{r} 124 \\ \times 3 \\ \hline 372 \end{array}$

18ª) Arrme, efetue e tire a prova real:

- a) $2.465 + 380 + 124 =$ $\begin{array}{r} 2.465 \\ + 380 \\ + 124 \\ \hline 2.969 \end{array}$
- b) $35.040 + 28.632 =$ $\begin{array}{r} 35.040 \\ + 28.632 \\ \hline 63.672 \end{array}$
- c) $64.352 - 38.261 =$ $\begin{array}{r} 64.352 \\ - 38.261 \\ \hline 26.091 \end{array}$
- d) $800 - 270 =$ $\begin{array}{r} 800 \\ - 270 \\ \hline 530 \end{array}$

19ª) Faça a leitura dos números:

- a) 678 = seiscentos e setenta e oito
- b) 2.465 = dois mil, quatrocentos e sessenta e cinco
- c) 66.943 = sessenta e seis mil, novecentos e quarenta e três
- d) 279.300 = duzentos e setenta e nove mil, trezentos

Sei que você conseguiu! beijos da tia Zilene.

3. CONCLUSÃO

Muitos foram os aspectos que nos levaram a trabalhar com a interdisciplinaridade. Entre eles podemos destacar:

- necessidade de encontrarmos uma nova metodologia onde o aluno seja sujeito de seu próprio aprendizado;
- ânsia de formar cidadãos capazes de construir uma sociedade mais justa e igualitária;
- possibilidade de tornar o processo de aprendizado algo mais dinâmico, criativo e motivador;
- proposição de levar o aluno a ver o mundo que o rodeia, a analisar os fatos e situações novas vividas por ele, pensar sobre a realidade na qual está inserido, a descobrir soluções para os problemas com que se depara, a criticar e a agir sobre o mundo em que vive, fazendo-o perceber que ele é o construtor de sua própria história.

Encontramos ainda algumas dificuldades, tais como:

- pouca aceitação por parte de alguns pais, no processo de integração;
- alunos não acostumados a expor suas idéias e ouvir os colegas;
- falta de embasamento teórico.

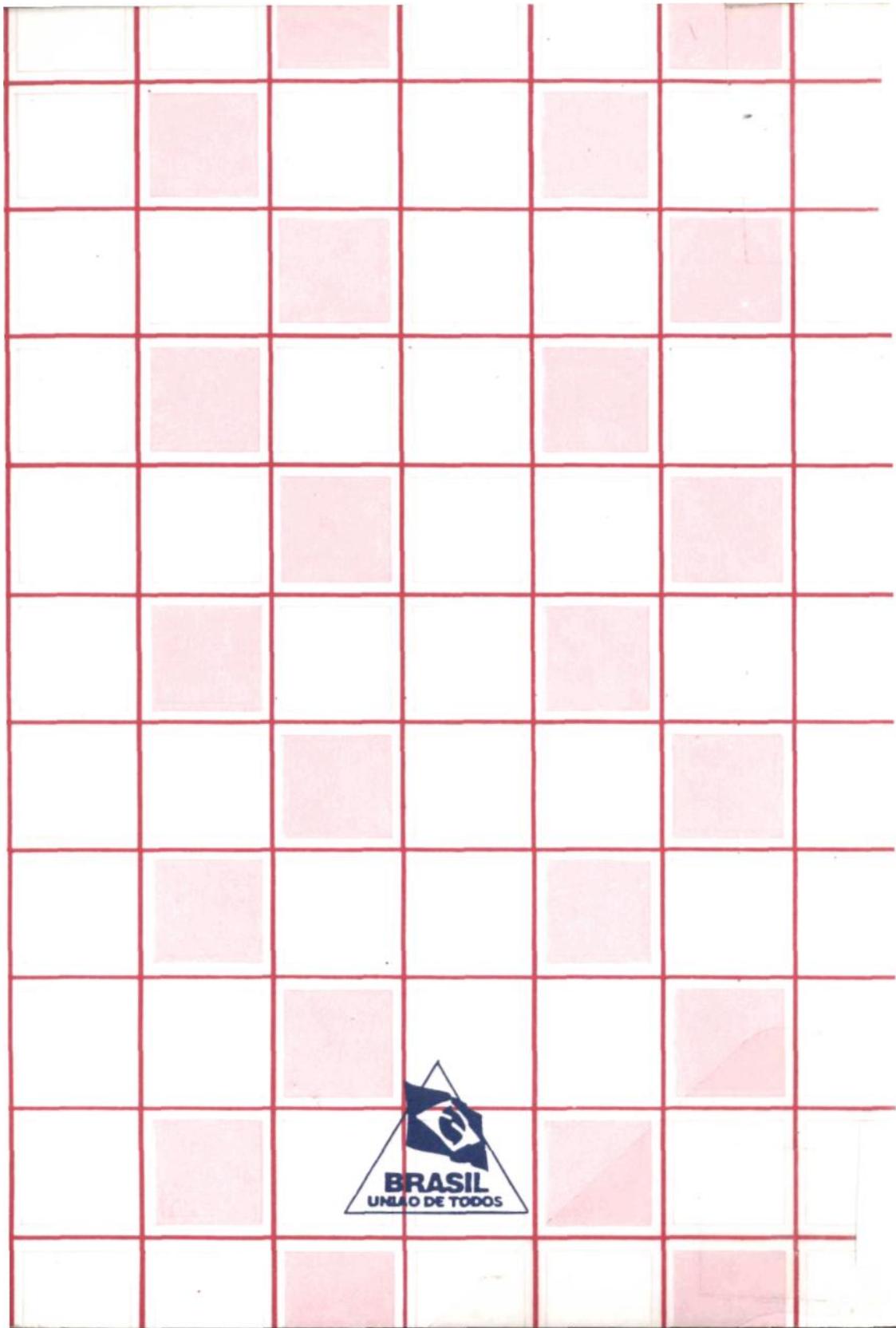
Diante das dificuldades encontradas, surgiram novas perspectivas as quais consideramos positivas no processo:

- diálogo entre pais e professores vem facilitando a integração que desejamos;
- através de encontros semanais, juntos trocamos experiências, idéias, textos e até mesmo bibliografia, como forma de superarmos o embasamento teórico;
- hoje nossos alunos já conseguem expor suas idéias com facilidade e ouvir os colegas atentamente.

Ainda estamos em processo de andamento. Mas os resultados obtidos até hoje nos dão estímulo de continuar neste caminho, pois o sorriso de cada criança ao perceber que ela é capaz de aprender e construir coisas lindas, tem nos deixado felizes e motivadas a continuar, como explicamos a seguir:

- contínuo crescimento na elaboração dos textos pelas crianças;
- desenvolvimento de alguns conceitos como criatividade, criticidade e cooperação, que tiveram nos estudos e atividades grupais a sua culminância;
- percepção da correlação entre os conteúdos e conceitos que passaram a ter um significado de vida;
- gosto pela pesquisa, pelas indagações, pelas leituras informativas, pelas ciências em geral;
- Matemática passou a ter um significado prático a medida que começaram a interpretar os problemas vividos;

significado de construção e transformação da sociedade percebendo que poderão interferir nesta, buscando um mundo mais justo e igualitário.



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)